

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Diretor Paulo Moreira /// ano XXXVI /// Janeiro de 2021 /// publicação mensal /// Gratuito

As urnas de voto foram aos lares 26

Eleições Apesar dos esforços, apenas cerca de 4000 idosos em lar conseguiram efetuar atempadamente o registo para a modalidade de voto antecipado, este ano alargado aos utentes de estruturas residenciais que, por razões de segurança impostas pela pandemia, não podem sair.

Os idosos interessados nesta modalidade de voto teriam de fazer a inscrição entre os dias 14 e 17 de janeiro para que as equipas organizadas pelas autarquias pudessem, entre os dias 19 e 20, recolher os votos, com o apoio da Administração Eleitoral e das forças de segurança. Às estruturas residenciais foi solicitado que preparassem uma sala para o exercício, em segurança, do direito de voto, mas nem todas conseguiram sequer efetuar o registo para voto antecipado.

Segundo Manuel de Lemos, em causa estavam os registos desconcertados entre Segurança Social e Ministério da Administração Interna e lamenta: “Eles tinham direito a votar, muitos deles foram atores de Abril e têm um sentido cívico elevadíssimo.”

Revelando que os responsáveis políticos e representantes da administração envolvidos nesta matéria estavam cientes da possibilidade de erros, o presidente apelou à aprendizagem através do erro para que, em futuras eleições, a participação dos idosos possa ser devidamente assegurada.

Entre os que conseguiram votar, o VM acompanhou a ida das urnas aos lares das Misericórdias de Almada e Marinha Grande.

18 ÍLHAVO Até os mais reservados entraram na brincadeira

A Associação Palhaços d'Opital esteve na UCC da Misericórdia de Ílhavo a espalhar bom humor pelos utentes.

21 CRATO Homenagem para celebrar 500 anos

A Misericórdia do Crato celebrou 500 anos com uma homenagem a todos os que ajudaram a construir a sua história.

Esperança em doses de 0,3 mililitros 02

Depois de um ano marcado por restrições, sacrifícios e provas de resiliência, 2021 iniciou com a chegada da vacina aos lares de idosos e unidades de cuidados continuados de todo o país



07 OPINIÃO
PEDRO SIMAS

‘Temos que continuar a dar o nosso melhor’



‘Estamos muito mais confiantes’ 04

Ministras da Saúde e da Segurança Social assistiram à vacinação na UCC da Santa Casa de Mora

História de recomeço e final feliz 08

Entre os vacinados na Misericórdia de Barcelos estão dois casos sociais vindos do hospital

Transmitir confiança aos idosos 13

Nos Açores, a vacinação arrancou no lar da Misericórdia de Vila Franca do Campo

24 ALCANEDE ‘Vou entrar e só saio quando isto terminar’

Maria Deonilde Ramos e Mafalda Martins foram as principais cuidadoras dos idosos com Covid-19 no lar de Alcanede.

32 PRÉMIO Distinção para jornalista do VM

Ana Cargaleiro de Freitas recebeu uma menção honrosa no Prémio Cooperação e Solidariedade António Sérgio 2020.

Esperança na reta final de uma maratona exigente

Vacinação A chegada da vacina às estruturas residenciais trouxe esperança, entusiasmo e também a responsabilidade acrescida de continuar a proteger os mais frágeis

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Depois de um ano marcado por restrições, sacrifícios e provas de resiliência, 2021 iniciou com a chegada do primeiro lote de vacinas aos lares de idosos e unidades de cuidados continuados de todo o país. A notícia foi recebida com expectativa, apreensão e cautela pela generalidade das Misericórdias, que puderam receber a primeira dose da vacina, sem abandonar o zelo e rigor das medidas dos últimos meses. No arranque da vacinação, a prioridade foi dada às estruturas localizadas em concelhos de risco extremo, sem surtos de infeção ativos, seguindo-se as localidades de risco inferior e as restantes estruturas, até ao fim do mês de janeiro.

"O primeiro grande desafio do processo de vacinação era abranger cerca de 193 mil pessoas que estão nas estruturas residenciais e lares de idosos. O governo tinha antecipado para esta semana a conclusão da primeira toma da vacina e é bom ouvir que o processo decorreu genericamente bem. Das 193 mil pessoas, temos já 168 mil que estão vacinadas", adiantou o primeiro-ministro António Costa, após ter estado reunido em São Bento, a 28 de janeiro, com responsáveis das entidades representativas do setor social, para avaliar a execução do plano de vacinação nos lares.

De acordo com o chefe do executivo, o processo de vacinação traduziu-se num dos "momentos mais importantes de cooperação entre o Serviço Nacional de Saúde, os serviços da Segurança Social e as instituições".

Na reunião em que também esteve presente a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho, o primeiro-ministro deixou ainda uma "palavra de tranquilidade" a todos os que aguardam a segunda toma da vacina, assegurando que está garantida a reserva necessária para concluir brevemente o processo.

O processo de vacinação tem sido acompanhado de perto pela UMP, desde inícios de dezembro, com o levantamento do número de idosos e profissionais a vacinar, a recolha de autorizações junto dos familiares e a articulação com os Secretariados Regionais e provedores das Misericórdias, de modo a garantir o sucesso das operações.

No arranque da vacinação, Manuel de Lemos relatava o clima de esperança e entusiasmo que se vivia na maioria das instituições. "A ausência de reações tem ajudado a que a receptividade dos idosos seja muito grande. E aqui foi importante ter-se começado pelos profissionais de saúde, porque isso impediu que os idosos se sentissem como cobaias", referiu.

Na auscultação que fizemos junto das Misericórdias, o sentimento partilhado por dirigentes, profissionais e utentes era de expectativa, responsabilidade e emoção. Por um lado, uma "janela de esperança" para a tão ansiada imunidade e retoma da vida suspensa, por outro a responsabilidade de proteger os mais frágeis, na reta final de uma maratona exigente.

"Depois destes meses de cansaço e preocupação, sentimos um misto de ansiedade e esperança. Por ser novidade, havia alguns anseios, que, entretanto, se dissiparam com o feedback positivo de outras instituições, por outro vemos isto com alguma esperança por nos trazer alguma proteção e ser o início de um novo caminho", partilha a diretora técnica da unidade de cuidados continuados de Vila de Pereira, horas antes da vacinação, a 22 de janeiro.

A colega de Marvão e diretora técnica da estrutura residencial, Filipa Tavares, revela a mesma ansiedade e expectativa, num testemunho

Continue na página 4 ►





VACINAÇÃO

► Continuação da página 2

intenso, partilhado na sua página de Facebook, após a vacinação de 140 pessoas na ERPI. “Hoje foi um dia bom, um dia de esperança e de oxigénio que me faz acreditar que melhores dias virão, mesmo sabendo que haverá um confinamento geral que não sabemos quando terminará. Foi o dia da primeira fase de vacinação na minha instituição do coração que tanto sofreu nos últimos dois meses. Há uma luz ao fundo do túnel. Vamos acreditar que apesar de não estar tudo bem, um dia ficará, tem de ficar”.

A vacinação decorre a duas velocidades, priorizando as estruturas sem casos de infeção ativos. Misericórdias como Mértola e Alcáçovas, com surtos na terceira semana de vacinação, acusam a frustração sentida por não poderem administrar a primeira dose, depois de meses a fio sem casos. “É morrer na praia. Depois deste tempo todo, tínhamos a esperança de chegar à vacinação sem casos, mas apareceu este surto em dezembro. Espero que a vacinação resolva o problema e não voltemos a ter surtos para respirar de outra forma”, lamenta o provedor de Alcáçovas, João Batista Penetra.

Em Mértola, a presença de casos na ERPI alterou o calendário inicialmente previsto. Enquanto aguardavam a resolução do surto nesta estrutura, iniciaram a administração da primeira dose a um grupo de 23 funcionários e 25 utentes da UCC. “A vacina não será a solução milagrosa, mas estou convencido que vai permitir controlar a pandemia”, considera o provedor.

No caso de Santar, foi necessário adiar a inoculação na UCC depois de detetados cinco casos de infeção entre os utentes. “Desde março não tivemos um único caso, mas, entretanto, recebemos utentes de outros sítios e cinco testaram positivo”, lamentou a provedora.

Mas nem tudo são más notícias. “No meio do caos, parece-nos ver finalmente uma luz ao fundo do túnel, estamos a viver um momento de alguma euforia e esperança, apesar do dia cinzento”, admite Infância Pamplona, enquanto decorre a vacinação na ERPI, a 21 de janeiro. Uma das utentes, Lúcia Viegas, com 86 anos, comprova o ambiente vivido: “Fiquei satisfeita de nos virem cá vacinar porque estamos em confinamento há quase um ano, pode ser que tenhamos alguma liberdade daqui para frente”.

Num contexto de elevada disseminação do vírus, a UMP tem insistido na agilização do processo de vacinação e na necessidade de reforçar as medidas de proteção enquanto não está concluída a administração das duas doses. Com este objetivo, foi enviado um conjunto de recomendações às Misericórdias (Circular 8/2021) onde se reconhece o esforço de todos e lembra que o “risco se mantém até à segunda dose de vacinação”.

“Poucos como as Misericórdias souberam e sabem os reais sacrifícios, muitos deles pessoais, na luta contra a pandemia. Mas este legítimo e justificado cansaço não nos deve fazer baixar a guarda, logo agora que estamos tão perto de poder respirar e seguir reforçados com toda a aprendizagem desta verdadeira luta pela vida de tantos”, lembrou Manuel Caldas de Almeida, vice-presidente da UMP no documento enviado a 20 de janeiro.



‘A partir de hoje estamos muito mais confiantes’

Mora O arranque na vacinação dos utentes da UCC da Misericórdia de Mora contou com a presença das ministras da Saúde e da Segurança Social

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Rosário Freixa foi a primeira utente da Misericórdia de Mora a ser vacinada no dia 6 de janeiro, assinalando o arranque oficial da vacinação na Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI), na presença das ministras da Saúde, Marta Temido, e do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho. O momento foi vivido com esperança, expectativa e sentido de responsabilidade por utentes, colaboradores, representantes locais e governamentais presentes. No final do dia, a primeira dose da vacina da Pfizer-BioNTech tinha sido administrada a 112 utentes (24 da UCC e 88 da ERPI) e 114 profissionais (44 da UCC e 70 da ERPI), com o apoio da equipa de enfermagem da unidade e centro de saúde local.

“Este é um grande dia para a Misericórdia de Mora, para a população e para Portugal. Houve uma batalha diária dos profissionais para manter os utentes protegidos e agora há finalmente a esperança de poder retomar uma vida normal. Só temos de agradecer aos cientistas que conseguiram fabricar tão rapidamente a vacina e dizer que a partir de hoje estamos muito mais confiantes”, congratulou-se o provedor Manuel Caldas de Almeida, no início da manhã.

A esperança de um novo recomeço, simbolizado pela vacinação, não deve, contudo, traduzir-se na flexibilização das medidas de proteção e restrições impostas desde março, conforme alertou a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho. “Este início de vacinação é um momento de enorme esperança, mas é também um momento em que temos de reforçar todos os cuidados e medidas de proteção para con-

tinuar a proteger quem mais precisa. Sei que posso contar com todos os que dedicam a sua vida aos outros”.

A opinião foi partilhada por todos e reforçada pelo presidente da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), Manuel de Lemos, à margem da cerimónia. “Até ao momento a nossa reação tem sido confinar e estar afastados, mas agora com as vacinas muda tudo, finalmente temos uma arma. Não esquecer, contudo, que temos de manter a guarda muito elevada para evitar que o vírus se propague enquanto não estão todos vacinados”, adiantou ao VM.

Na semana do arranque da vacinação nos lares e unidades de cuidados continuados, localizados nos 25 concelhos de risco extremo, onde se incluía Mora, o país assistia a um crescimento exponencial do número de casos de infeção, que ditaria o a decisão de um novo confinamento generalizado, a partir de 15 de janeiro. Neste contexto, a ministra da Saúde lembrou o “esforço contínuo de articulação com o setor privado, social e UMP para a transferência de doentes e disponibilização de meios para quem está na linha da frente”.

Os preparativos da vacinação começaram muito antes, ainda em 2020, no decorrer do mês de dezembro. No caso da unidade de cuidados continuados, as orientações partiram da equipa de coordenação regional (ECR) da RNCCI e incluíram a leitura de normas e procedimentos sobre a conservação e administração da vacina e a preparação do carro de emergência (equipamentos, fármacos e outros materiais necessários para a reanimação em caso de reações adversas).

Dias antes do arranque, o frigorífico da unidade estava pronto para receber as vacinas e estavam criados os grupos e escalas de horários para vacinar utentes e profissionais, em tempo recorde, sem comprometer a estabilidade e qualidade do fármaco.

A preparação e administração ficou a cargo da enfermeira coordenadora da UCC, Natalina Aniceto, e de duas colegas, que em conjunto administraram perto de 70 doses, no período da manhã. “Fomo-nos revezando entre a preparação e a administração. Logo no início percebemos que íamos conseguir

administrar as seis doses por frasco [previstas na última orientação da Agência Europeia do Medicamento, de 8 de janeiro] o que nos permitiu vacinar mais pessoas do que inicialmente previsto”, congratulou-se.

Apesar do nervosismo sentido por alguns, a primeira utente da UCC a levar a vacina da Pfizer-BioNTech encarou a oportunidade com otimismo. “Não custou nada, acho que todos devem fazê-lo sem medo. Há cada vez mais casos a aparecer e estamos mais seguros se nos vacinarmos todos”, comentou a doente com esclerose múltipla, momentos após a vacinação, perante uma plateia de jornalistas, profissionais de saúde e representantes presentes. O que custou mais, confessou sorrindo, foi o “aparato jornalístico”.

O entusiasmo de Rosário Freixa, que está na unidade de Mora há um ano, foi partilhado por toda a equipa, como nos confidenciou mais tarde o diretor clínico da UCC, Martinho Vieira. “Estamos muito expectantes e essa esperança e ânimo são partilhadas por todos. A vacinação vai permitir retomar os afetos e alguma normalidade nos próximos meses”, admitiu.

Enquanto decorria a vacinação na ampla sala de fisioterapia da unidade de cuidados continuados, eram também vacinados os utentes e profissionais das duas estruturas residenciais da Misericórdia de Mora, num total de 158 pessoas. A enfermeira coordenadora da UCC ainda ajudou no processo, depois de concluída a vacinação na unidade.

No final do dia, a conquista de mais uma etapa em direção à “normalidade” superava o cansaço provocado por mais 12 horas de trabalho. “Foi uma aprendizagem para nós. A vacinação da gripe acontece todos os anos, mas nunca tínhamos feito nada a esta escala”, anuiu Natalina Aniceto. Missão cumprida.

No distrito de Évora, o arranque da vacinação junto de utentes e trabalhadores de lares de idosos e unidades de cuidados continuados, na primeira semana de janeiro, decorreu em três localidades consideradas de risco extremamente elevado de contágio. Além de Mora, foram abrangidos os concelhos de Mourão e Viana do Alentejo, onde existem duas Misericórdias (Vieira do Alentejo e Alcáçovas).



FOTOS JOSÉ ARTUR MACEDO



Governo As ministras da Saúde e da Segurança Social assistiram ao arranque da vacinação em Mora

Dia 1 da vacinação em lares

Cardigos Misericórdia de Cardigos foi a primeira a receber a vacina da Pfizer-BioNTech no território continental

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Os utentes e funcionários da Misericórdia de Cardigos, no concelho de Mação, foram os primeiros a receber a vacina da Pfizer-BioNTech, no dia 4 de janeiro, assinalando o arranque da vacinação em lares de idosos no território continental. A testemunhar este momento estiveram, entre outros, a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho, a secretária de Estado da Ação Social, Rita Mendes, o secretário de Estado da Saúde, Diogo Serras Lopes, o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, Duarte Cordeiro, o presidente da UMP, Manuel de Lemos, o presidente da Confederação Nacional das Instituições de

PARA O PROVEDOR, COM A ADMINISTRAÇÃO DA SEGUNDA DOSE, A 27 DE JANEIRO, A EXPETATIVA DA TÃO ANSIADA IMUNIDADE DEIXA DE SER UM HORIZONTE DISTANTE E IMPROVÁVEL

Solidariedade Social (CNIS), Lino Maia, e o presidente da autarquia de Mação, Vasco Estrela.

O provedor Vítor Fernandes reagiu com “surpresa” e “alívio” à notícia da estreia da vacinação nos lares, em Cardigos. “Esta vacinação vai ser boa para os nossos idosos, que têm uma média de idades avançada [90]. Ficámos aliviados, nunca pensámos ser os primeiros, mas alguém tinha de ser”, comentou à rádio Observador, antes da administração da primeira dose.

A primeira toma decorreu sem sobressaltos ou reações adversas, mediante o olhar atento e supervisão das enfermeiras do centro de saúde de Mação. “O processo correu bem, foi tranquilo, não houve reações e ninguém sentiu nada”, confirmou o provedor ao VM.

João Fernandes, o utente mais antigo da estrutura residencial, com 92 anos, foi um dos vacinados nesta tarde de janeiro, entre um total de 30 idosos. Por coincidência, é também o pai do atual provedor, que devido às atuais circunstâncias só pode ver à distância.

Com a administração da segunda dose, a 27 de janeiro, a expectativa da tão ansiada imunidade deixa de ser um horizonte distante e improvável. “As pessoas estão com as vidas todas alteradas. A nossa expectativa, de toda a mesa administrativa, é que isto melhore um bocadinho, sobretudo com a vacinação. Temos esperança num dia melhor”, partilhou.

Mas, enquanto se mantém a elevada disseminação na comunidade, garante que o foco está na proteção de utentes e profissionais e na perspetiva de um futuro em que seja possível reabrir o centro de dia, acoplado ao lar, e rever os familiares com a proximidade de outrora.

Para a diretora técnica da instituição, Mónica Marques, a vacinação representa mais um passo decisivo em direção à “normalidade”. “Os utentes mais lúcidos sentem-se agora mais seguros e protegidos”, reconhece. Em lista de espera ficam agora os seniores do serviço de apoio domiciliário e centro de dia, que na opinião de Mónica Marques são igualmente “prioritários, devido à idade avançada, superior a 80, e doenças associadas”.

Apesar do esforço em manter as rotinas dos idosos, admite que nos últimos meses foram sacrificadas dinâmicas de interação com a comunidade. “Temos procurado manter o dia a dia dos idosos e felizmente, até agora, não houve casos de infeção. O que foi mais condicionado, em termos de dinâmica, foram as visitas, os passeios no exterior e atividades com voluntários”.

A vacinação arrancou um dia depois de a UMP e CNIS terem manifestado a sua preocupação com o aumento de surtos em lares de idosos, pedindo cuidados redobrados. “Estamos perto da meta”, a imunização pela vacina, “pelo que não podemos deixar cair todas as precauções e devemos até reforçá-las”, apelou Manuel de Lemos.

Ana Mendes Godinho, ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, definiu o arranque da vacinação nos lares como “um dia de esperança para todos” e lembrou que o país vive “uma missão de proteção coletiva” que deve começar por quem tem “especial fragilidade face à Covid-19”.

FRASES

Este início de vacinação é um momento de enorme esperança, mas é também um momento em que temos de reforçar todos os cuidados e medidas de proteção para continuar a proteger quem mais precisa. Sei que posso contar com todos os que dedicam a sua vida aos outros

Ana Mendes Godinho
Ministra do Trabalho,
Solidariedade e Segurança Social

Este é um momento muito significativo, estamos novamente numa fase de crescimento de número de novos casos e a vacinação é a esperança que todos acalentamos

Marta Temido
Ministra da Saúde

Até ao momento a nossa reação tem sido confinar e estar afastados, mas agora com as vacinas muda tudo, finalmente temos uma arma. Não esquecer, contudo, que temos de manter a guarda muito elevada para evitar que o vírus se propague

Manuel de Lemos
presidente da UMP

Acelerar o processo nos lares que não foram vacinados

SR Viseu Na lista dos 25 concelhos considerados de risco extremo, Mangualde, Tabuaço e Armamar não puderam vacinar todos os utentes e trabalhadores

TEXTO **ISABEL MARQUES NOGUEIRA**

O presidente do Secretariado Regional de Viseu da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), José Tomás, explicou ao VM que espera receber a vacina contra a Covid-19 no período em que os lares gozam da imunidade da doença, ou seja, nos primeiros três meses após testarem positivo ao vírus SARS-CoV-2.

A declaração surge a propósito da primeira semana de vacinação em estruturas residenciais. Na lista dos 25 concelhos considerados de risco extremo, Mangualde, Tabuaço e Armamar não puderam vacinar todos os utentes e trabalhadores porque registavam casos positivos de Covid-19.

“Para quem não teve agora oportunidade de ser vacinado, o que se espera é que seja o mais rápido possível. Espero que não haja uma penalização grande pelo facto de na primeira ronda de vacinação estar num surto”, desejou José Tomás.

NO ENTENDER DO PRESIDENTE DO SECRETARIADO REGIONAL DE VISEU, ‘PARA QUEM NÃO TEVE AGORA OPORTUNIDADE DE SER VACINADO, O QUE SE ESPERA É QUE SEJA O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL’

O também provedor da Misericórdia de Mangualde enfrentou desde dezembro surtos em dois espaços, no Lar da Senhora do Amparo e na Residência Sénior, o que não permitiu a vacinação nesses equipamentos, mas foram administradas 104 vacinas no Lar Morgado do Cruzeiro e na unidade de cuidados continuados.

Também no distrito de Viseu, nos concelhos de Armamar e de Tabuaço não foram vacinados os utentes e trabalhadores dos lares das Santas Casas locais, precisamente por estarem ainda com casos ativos que surgiram em meados de dezembro.

No entender de José Tomás, as instituições com surtos “já foram penalizadas o suficiente” com a presença do vírus e a vacina não chegar no período em que, aparentemente, se está imune ao vírus “será uma dupla penalização”.

“Ou seja, esperemos que não seja retardada muito a vacinação para quem nesta primeira ronda não foi vacinado porque não tinha condições”, apelou o provedor.

O surto acaba por criar uma “certa imunidade de grupo, pelo menos durante um certo tempo”, segundo a informação que o provedor recolheu junto das entidades de saúde, ou seja, no seu entender, “o tempo da garantia dessa imunidade, pode ser o tempo necessário para que numa fase posterior sejam vacinadas as pessoas que agora não foram”.

“A informação que temos é que os primeiros três meses após ter estado positivo ao vírus é que estamos imunes, por isso, é bom que a vacina não ultrapasse os três meses da imunidade e que a vacina não seja protelada sob pena destes lares terem, novamente, a vida dificultada”, defendeu.

Assim, continuou, as instituições que não puderam ser vacinadas na primeira fase por terem surto “deverão entrar na prioridade estabelecida para a vacinação dos idosos e utentes dos lares, na primeira oportunidade”.

“Não há aqui um problema, há um hiato de tempo”, admitiu José Tomás, adiantando ao VM que “toda a gente entende porque é que não foram vacinadas” nos espaços onde há casos ativos. “As pessoas percebem que por uma questão de precaução e saúde não podem ser vacinados nesta altura”.

“Mas também estão crenças que serão vacinadas numa segunda oportunidade que será em breve, portanto, o facto de não serem vacinadas agora não causam problema, nem nenhuma situação de desigualdade”, admitiu.

José Tomás adiantou que “todos os dias” são reportados para a Segurança Social e para a UMP os números ativos, os novos casos e os recuperados, ou seja, todos os dados relativos à Covid-19.

“Quando estivermos sem casos positivos, eu próprio tomarei a iniciativa de falar com as entidades de saúde para acelerar este processo junto dos lares que não foram vacinados”, avisou o provedor.

No arranque da vacinação no distrito de Viseu, na primeira semana de janeiro, estavam abrangidos os concelhos de Mangualde, Tabuaço e Armamar. Entretanto, ao longo do mês foram abrangidas as restantes localidades, conforme objetivo anunciado pelo governo.

Opinião



PEDRO SIMAS

Virologista do Instituto Molecular da Universidade de Lisboa

‘Temos que continuar a dar o nosso melhor’

As vacinas vão salvar milhões de vidas em 2021. Vão ser a solução para esta pandemia viral que causa Covid-19: sigla que traduzida do inglês significa doença do coronavírus - 2019. É uma doença grave nos grupos de risco, assim definidos por sofrerem de outras doenças que agravam o prognóstico de Covid-19 e que são muito mais comuns nos mais velhos, especialmente naqueles com mais de 70 anos de idade.

Foi absolutamente fantástico ver a Humanidade unida na ciência, indústria farmacêutica e instituições públicas e privadas para desenvolver vacinas seguras e eficazes contra Covid-19. Inteligência e moralidade distinguem a espécie humana dos restantes seres vivos e definem a Humanidade.

Mas agora que tudo parecia estar resolvido, porque conseguimos as vacinas, temos pela frente o maior desafio: vacinar os grupos de risco em Portugal inteiro, na Europa e no Mundo. Estamos nas primeiras semanas de 2021 e nunca o risco de infeção para os vulneráveis foi tão grande. Isto porque se estima que mais de 80% da população em Portugal não tenha ainda imunidade para este vírus e o número de novas infeções identificadas todos os dias é hoje muito grande.

Esta situação torna muito difícil baixar este número de infeções diárias para valores seguros para os grupos de risco, mesmo com medidas de confinamento rigorosas. Agora todas as semanas são cruciais para salvar vidas. Estamos numa situação de emergência. Quanto mais vacinarmos os grupos de risco, mais vidas salvamos. E temos um bom plano nacional de vacinação em três fases que dá prioridade aos grupos de risco. Mas infelizmente ainda não temos vacinas suficientes para vacinar todos os grupos de risco num curto espaço de tempo.

Torna-se por isso, mais uma vez, imperativo usar o conhecimento científico para salvar o maior número de vidas possível. E o que podemos nós fazer? Posso dar um

exemplo muito concreto. Iniciámos a vacinação com a vacina da Pfizer-BioNTech que requer duas doses de vacina para que se desenvolva a melhor imunidade. Está protocolado que a segunda dose é administrada 21 dias após a primeira. Mas os ensaios clínicos dizem que a segunda dose pode ser administrada entre os dias 21 e 42 após a primeira dose. Até a agência de medicamento europeia

(EMA) já autorizou que administrar a segunda dose da vacina Pfizer-BioNTech aos 42 dias não viola o protocolo.

Nesta fase da pandemia em Portugal, poder dar a segunda dose ao final de 42 dias em vez de 21 dias iria salvar muitas vidas. E também o conhecimento que temos acerca do nosso sistema imunológico e sua resposta às infeções virais respiratórias diz-nos que se não aplicarmos a segunda dose aos 42 dias, mas aos 50 ou 60 dias, e talvez mais, muito provavelmente a memória imunológica celular não desaparece e não estaremos desprotegidos contra a doença grave associada à infeção: o nosso sistema imunológico não é binário. Se fosse possível em Portugal conseguir esta flexibilidade conseguiríamos vacinar no mesmo espaço de tempo o dobro das pessoas dos grupos de risco. Temos que continuar a dar o nosso melhor.

E não é só em Portugal que temos este desafio. É um desafio global para um problema global. Iremos começar a ter resultados nas próximas semanas com a informação oriunda de outros países como Israel, já numa fase mais avançada de vacinação da sua população. E todos estamos a torcer para que sejam boas notícias e se confirme que nos próximos meses consigamos proteger todos os vulneráveis à Covid-19. E de seguida conseguir a imunidade de grupo, que quando atingida vai transformar a disseminação pandémica do SARS-CoV-2 em endémica: o equilíbrio é sempre atingido na natureza. E a ciência diz-nos que são os coronavírus endémicos com a sua sazonalidade e reinfeção intermitente ao longo das nossas vidas, as comuns constipações, que mantêm a imunidade de grupo. Por isso não vamos ficar dependentes das vacinas ou das máscaras. Mas até lá, agora mais que nunca, o que pode salvar mais vidas é o comportamento coletivo da sociedade portuguesa, cumprindo as regras do confinamento.

Foi absolutamente fantástico ver a Humanidade unida na ciência, indústria farmacêutica e instituições públicas e privadas para desenvolver vacinas contra Covid-19

Agora mais que nunca, o que pode salvar mais vidas é o comportamento coletivo da sociedade portuguesa, cumprindo as regras do confinamento

Mas agora que tudo parecia estar resolvido, porque conseguimos as vacinas, temos pela frente o maior desafio: vacinar os grupos de risco em Portugal inteiro, na Europa e no Mundo

VACINAÇÃO

História com final feliz que simboliza recomeço

Barcelos Entre os 330 vacinados na Misericórdia de Barcelos, a 6 de janeiro, contam-se dois utentes, recém-chegados do Hospital de Santo António

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Entre os 330 vacinados na Misericórdia de Barcelos, a 6 de janeiro, contam-se dois utentes, recém-chegados do Hospital de Santo António (Porto), na sequência de um apelo feito junto de Misericórdias e outras entidades para acolher doentes de hospitais públicos com alta clínica. Eduardo Ribeiro, 83 anos, e Júlia Carvalho, 90 anos, receberam a primeira dose da vacina da Pfizer-BioNTech juntamente com os utentes e colaboradores de

quatro estruturas residenciais para idosos (Lar de Santo André, Lar da Misericórdia, Lar Dona Leonor e no Lar do Centro Social Comendadora Maria Eva Nunes Corrêa) e unidade de cuidados continuados.

Para o provedor Nuno Reis, a vacinação representa um “ponto de viragem no controlo da pandemia para que no futuro seja possível retomar as visitas, rotinas e proximidade com as famílias”. Alerta, contudo, que esta é uma “esperança cautelosa”, perspetivando 2021 como um “ano difícil”, onde será necessário manter todas as precauções.

A simbolizar este recomeço, que se traduzirá na retoma das rotinas suspensas, destaca a “história com final feliz” de integração de Eduardo Ribeiro e Júlia Carvalho no Lar de Santo André e Lar do Centro Social Comendadora Maria Eva Nunes Corrêa, respetivamente.

A vida de Eduardo e Júlia mudou drasticamente na transição de 2020 para 2021. Não tanto pelo vírus, mas pelas medidas tomadas para apoiar o SNS no combate à pandemia que permitiram dar resposta residencial aos doentes sem enquadramento familiar, que aguardavam vaga nos hospitais públicos.

A transição da vida hospitalar, no Porto, para a residência em lar aconteceu na primeira semana de dezembro de 2020 e segundo o provedor “está a correr bem em ambos os casos”. Em apenas um mês, ambos podem congratular-se pela nova morada e pela vacina que, num futuro próximo, lhes trará a imunidade e normalidade há muito desejadas.

“O Sr. Eduardo diz-nos que está muito feliz e contente por estar num lar, criou boa empatia com os colaboradores, agradece muito o carinho que lhe têm transmitido”, congratula-se Nuno Reis. A “dona Júlia”, como já é conhecida por todos, foi uma das primeiras a ser vacinada na estrutura residencial que a acolheu e ditou o acaso que regressasse à cidade onde nasceu, mais de cinquenta anos depois de partir na juventude. “A dona Júlia é natural de Barcelos, filha de uma família numerosa, que emigrou jovem para uma das nossas ex-colónias e que estava a viver numa ilha social, no Porto, antes de ser internada no Hospital de Santo António”.

Aguarde os próximos capítulos desta “história com final feliz” no jornal mais próximo de si.





Força para continuar esta luta que ainda não terminou

SR Portalegre Esperança é o sentimento que descreve o ambiente nas Misericórdias do distrito de Portalegre que receberam a vacina na primeira semana de janeiro

TEXTO **PATRÍCIA LEITÃO**



Vacina Na Misericórdia de Gavião foram vacinadas 211 pessoas nas três estruturas residenciais da instituição e processo decorreu com muita recetividade.

Esperança. Muita esperança. Este é o sentimento que melhor descreve o ambiente vivido nas Misericórdias do distrito de Portalegre que receberam na primeira semana de janeiro o tão esperado programa de vacinação contra a Covid-19.

Depois de vários meses de restrições, muitos sacrifícios e uma resiliência heroica, o ano de 2021 não podia ter começado da melhor forma para estas instituições que têm feito todos os possíveis para proteger aqueles que estão aos seus cuidados e que são mais vulneráveis.

As Santas Casas de Crato, Gavião, Alpalhão, Arez e Montalvão integraram o grupo das instituições consideradas prioritárias, por estarem inseridas nos 25 concelhos com risco extremo de infeção, e foram, por isso, as primeiras neste território a receber a vacinação para utentes e colaboradores.

O momento foi sem dúvida especial e vivido com muita expectativa, entusiasmo e a emoção de quem vê esta “vacina de esperança” como um alento para que o tão desejado reencontro com os seus familiares esteja cada vez mais próximo.

Na Santa Casa da Misericórdia do Crato a vacinação englobou o Lar de Grandes Dependentes e o Lar de Nossa Senhora da Conceição, envolvendo cerca de 130 pessoas, entre utentes e colaboradores, e de acordo com o provedor, Mário Cruz, “correu tudo muito bem” e “todos se mostraram entusiasmados com a vacina, porque havia esse anseio”, frisou.

Mário Cruz refere que a vacina “veio renovar a nossa esperança de que vamos conseguir vencer a luta contra este vírus” e, em particular, para os idosos representa “a esperança de que, brevemente, vão poder voltar a estar com os seus familiares, regressando também à nor-

malidade do seu dia-a-dia”, pois “tem sido mesmo muito difícil lidar com a privação de contactos com a família”, constata o provedor.

A primeira utente da instituição a ser vacinada foi Felícia de Cunha e Sá Moutinho, de 101 anos, que, depois de receber a vacina e com a sua boa disposição, disse estar agora ainda mais preparada para combater o vírus e com esperança redobrada de celebrar os 102 anos já em março.

Na Santa Casa da Misericórdia de Gavião (na foto) foram vacinadas 211 pessoas nas três estruturas residenciais geridas pela instituição, sendo que os que estiveram infetados não foram vacinados, e segundo a diretora técnica, Inês Rodrigues, todo o processo decorreu com “muita recetividade”.

A responsável explica que sobretudo para os idosos foi um momento importante e foi “emocionante ver a sua alegria e a esperança que a vacina lhes trouxe de estarem cada vez mais perto de voltar a estar com as suas famílias”.

Convicta de que este é o principal anseio de todos aqueles que sofreram bastante com as restrições a que foram sujeitos com a pandemia,

Inês Rodrigues acredita que, embora ainda haja receios, “estamos todos com mais força e mais vontade de conseguir ultrapassar os tempos difíceis que vivemos nos últimos meses”.

Deolinda Maria foi a primeira utente da Misericórdia de Gavião a ser vacinada no Lar de Nossa Senhora das Necessidades. A idosa de 102 anos, que está ainda bastante lúcida, aceitou de imediato ser vacinada e a sua alegria por viver este momento foi contagiante e demonstrativa da esperança que todos sentiram na instituição.

“O dia em que os utentes e colaboradores da nossa Misericórdia receberam a primeira dose da vacina contra a Covid-19 ficará guardado na nossa memória como um momento histórico, vivido com alegria, esperança e a confiança de que foi o início do fim desta pandemia”. É desta forma que a diretora técnica da Misericórdia de Montalvão, Carina Afonso, descreve ao VM o primeiro dia de vacinação na instituição, realçando que os utentes e colaboradores “estavam muito ansiosos e, ao mesmo tempo, contentes e otimistas”.

Depois de vários meses a viver sempre com medo da pandemia e “a trabalhar com grande esforço para evitar surtos, iniciar a vacinação ajuda-nos a acreditar que as coisas estão a melhorar e podem, realmente, ficar bem. Essa é a esperança que todos sentimos”, refere Carina Afonso, acrescentando que “para os utentes o principal desejo é regressar à normalidade, poderem sair, não viver constantemente com o medo do vírus e sobretudo, esse sim é o seu grande anseio, voltar a abraçar e a estar com os familiares” porque “essa necessidade tem sido a mais difícil de suportar”, assume.

Na Misericórdia de Montalvão foram vacinados 36 utentes e 28 colaboradores e a primeira a ser vacinada foi a utente mais idosa

do lar, a D. Benedita, de 97 anos, que, segundo a diretora técnica, estava muito tranquila e convicta do que queria fazer e, ao mesmo tempo, entusiasmada por ser a primeira e ter mais uma história para contar.

Depois de passar por um período muito complicado com um surto de Covid-19 que infetou todos os utentes e vários colaboradores, fazendo também algumas vítimas, a vacina foi recebida na Santa Casa de Alpalhão com “ansiedade e algum nervosismo pelo medo do desconhecido”, assume a diretora técnica, Susana Trindade.

No entanto, e apesar dos receios, as 15 colaboradoras que foram vacinadas (só foi vacinado quem não testou positivo) demonstraram ter “a convicção de que, face à nossa realidade, a de trabalharmos em um lar de risco, é também um dever enquanto cidadãos sermos vacinados para protegermos os outros”, sublinha a diretora, reforçando que este início da vacinação representa, sobretudo, esperança e “dá-nos força e tranquilidade para continuarmos empenhadamente esta luta que ainda não terminou”.

Também na Santa Casa da Misericórdia de Arez, onde foram vacinadas 33 pessoas, entre utentes e colaboradores, o processo de vacinação foi um momento importante que “decorreu com muita tranquilidade”, como explica a provedora Maria José Mandeiro, que se mostra convicta de que a vacina “resulta numa redução de riscos” e “dá-nos mais esperança e proteção, porque temos vivido com muito medo”, constata, reconhecendo que o problema não está ainda resolvido. Segundo a provedora, houve o cuidado de esclarecer dúvidas e isso permitiu “que o momento fosse vivido com o entusiasmo que merece”.

EM MONTALVÃO, A UTENTE MAIS VELHA, D. BENEDITA DE 97 ANOS, ESTAVA ENTUSIASMADA POR SER A PRIMEIRA E TER MAIS UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

FRASES

Poucos como as Misericórdias souberam e sabem os reais sacrifícios, muitos deles pessoais, na luta contra esta pandemia. Mas este legítimo cansaço não nos deve fazer baixar a guarda

Manuel Caldas de Almeida
Vice-presidente da União das Misericórdias Portuguesas

Vamos antecipar a vacinação nos lares e nos cuidados continuados. Isto prende-se com razões de saúde pública, com a necessidade de aumentar a proteção destas pessoas mais sujeitas a surtos

Francisco Ramos
Coordenador da task force para o plano de vacinação contra a Covid-19 em Portugal

Estamos numa situação de emergência. Quanto mais vacinarmos os grupos de risco, mais vidas salvamos. E temos um bom plano nacional de vacinação em 3 fases que dá prioridade aos grupos de risco

Pedro Simas
Virologista do Instituto Molecular da Universidade de Lisboa

‘O começo da solução deste enorme problema’

SR Castelo Branco

Apesar de não ser imediata, a vacina é o começo da solução e, por isso, trouxe grande esperança à comunidade das Misericórdias

TEXTO **PAULA BRITO**

A vacinação no distrito de Castelo Branco arrancou na Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova, onde foram vacinados, no dia 5 de janeiro, todos os utentes e funcionários dos cuidados continuados e, no dia 7, todos os utentes do lar de idosos. “Com isso encerramos a vacinação total dos nossos utentes”, disse ao

VM o provedor da instituição.

Joaquim Morão olha para o momento com grande entusiasmo. “É a grande esperança que nós temos, no sentido de esta grande tragédia que nos está a acontecer que é a Covid-19. E a grande esperança é que a vacina elimine, ou pelo menos minimize, este problema que estamos a sentir. No lar, tivemos um surto com alguma dimensão, esperamos agora que, com a vacina, consigamos ultrapassar o problema, nós e o país temos grande esperança disso.”

Em Idanha-a-Nova foi possível vacinar todos os utentes e funcionários na primeira semana do mês. Além de Idanha, Penamacor também constava da lista de concelhos abrangidos, mas na localidade a Santa Casa não tem lar de idosos, nem cuidados continuados.

Poucos dias depois, a vacina chegou às estruturas residenciais para pessoas idosas e unidade de cuidados continuados (UCC) da Misericórdia do Fundão. Foi “uma enorme luz de esperança que acendeu”, referiu o provedor no dia em que começou a vacinação no lar Nossa Senhora de Fátima. Uma luz que se estendeu aos restantes lares da instituição, no concelho, com exceção do lar de S. Sebastião, na Capinha, devido à existência de um surto de Covid-19, na altura.

O presidente da Câmara Municipal do Fundão, Paulo Fernandes, presente no momento que marcou também a vacinação nos lares de todo o concelho, admitiu alguma preocupação com a chegada tardia da vacina à região, precisamente devido ao facto da inexistência de surtos ser uma janela de oportunidade para a vacinação. “Com o passar dos dias e das semanas a vacina estava a tardar em chegar à Cova da Beira, e estávamos preocupados porque, numa situação como a que vivemos, estas instituições têm estas janelas de oportunidades, sem surtos,

e a vacinação tem de ser rápida e eficaz, porque com um contágio tão forte na comunidade isso pode atrasar meses o processo de vacinação.”

José Dias Santos (na foto), 68 anos, desde setembro de 2018 na UCC da Misericórdia do Fundão, foi o primeiro a ser vacinado “contra esse vírus que anda aí que se chama o Covid-19”, disse na altura de tomar a vacina. “É uma proteção porque não evita o vírus, simplesmente, o vírus se vier já vem menos grave, é como as outras vacinas que apanhamos.”

O provedor da Misericórdia do Fundão, Jorge Gaspar, que também é presidente do Secretariado Regional da UMP em Castelo Branco, está mais “descansado” com os utentes e os funcionários vacinados, mas, o problema não se resolve no imediato. “Considero, de acordo com os especialistas nesta matéria, que é a solução para o problema. Uma solução não imediata, embora muita gente pense que tomamos a vacina e o problema fica resolvido, não fica. Mas é o começo da solução deste enorme problema, por isso é uma luz de uma enorme esperança que se acende aqui hoje na Misericórdia.”

Segundo Jorge Gaspar, são mais de 240 os utentes e mais de 150 os funcionários em lares e na UCC. “Pensamos que até final do mês teremos todos os funcionários e utentes das respostas sociais da terceira idade vacinados com a primeira dose.”

Os utentes estão todos informados, deram o consentimento para a vacinação, “estão todos a reagir bem e também consideram que esta é a esperança para lhes permitir sair deste período que foi terrível, para eles é que foi de enorme confinamento, foi de confinamento total, porque estiveram inclusivamente privados durante um longo período, de contacto com os seus familiares.”



Vacina José Dias Santos, 68 anos, foi o primeiro a ser vacinado na unidade de cuidados continuados da Misericórdia do Fundão

Esperança em doses de 0,3 mililitros

SR Vila Real A campanha de vacinação arrancou com expectativa no distrito de Vila Real, onde todos anseiam pelo regresso às rotinas e aos afetos

TEXTO **PATRÍCIA POSSE**

A campanha de vacinação no distrito de Vila Real arrancou nas Misericórdias de Peso da Régua, Montalegre e Valpaços, onde o risco de contágio era, à data, extremamente elevado. Apesar de alguns surtos que comprometeram a calendarização prevista, o sentimento é de esperança.

No Alto Tâmega, por exemplo, a Misericórdia de Montalegre ainda tenta debelar essa realidade, ao mesmo tempo que recebe esperança em doses de 0,3 mililitros. “Foi uma tristeza porque estava a vacina a chegar e tivemos um surto na ERPI, onde temos 80 utentes”, confessa o provedor Fernando Rodrigues.

As vacinas chegaram à Misericórdia a 5 de janeiro e foram tomadas por 33 utentes e 31 colaboradores da unidade de cuidados

continuados. Registaram-se 4 recusas, mas o processo “correu bem”. “Os trabalhadores e utentes receberam a vacina com muita alegria e uma esperança fundada. Estavam ansiosos pela toma, mas ficaram surpreendidos por ter chegado tão cedo”, refere.

Com a segunda inoculação prevista para 25 de janeiro, não se registaram reações adversas. “Acreditamos que este é o momento em que tudo vai começar a mudar para voltarmos a ter uma vida normal. Foi um ano muito duro para a Misericórdia, para o País e para o mundo, mas a vacina mostrou que quando há cooperação, a ciência anda mais depressa e faz coisas excecionais pela humanidade”, destaca Fernando Rodrigues, que lidera uma instituição com 100 colaboradores e 136 utentes.

O novo coronavírus atingiu cerca de 190 pessoas na Misericórdia de Chaves e, por isso, foi com “esperança” que os utentes e colaboradores das cinco ERPI receberam a vacina. “A adesão foi superior a 90%, tendo sido administradas 323 doses da vacina”, atesta o provedor Jorge Pinto de Almeida.

Com 325 utentes em ERPI e 224 colaboradores afetos a essa valência, a Misericórdia de Valpaços foi palco da primeira inoculação nos dias 6 e 7 de janeiro. Até ao momento, foram distribuídas 338 doses. “Notei que os utentes estavam calmos e sem receios no que respeita a possíveis efeitos secundários. Já nos colaboradores, e em virtude de toda a informação que é transmitida, notei alguma ansiedade, mas também satisfação por termos sido considerados um grupo prioritário”, constatou a diretora técnica Marilina Lopes.

Neste contexto pandémico, cabe também a excecionalidade do lar da Misericórdia de Peso da Régua, que não registou qualquer caso de infeção pelo novo coronavírus. Bastaram 2h30 para vacinar todo o universo da instituição: 77 utentes e 47 colaboradores. “Ninguém teve dúvidas. A adesão foi massiva e não houve efeitos secundários nem reações adversas à vacina”, relata a diretora técnica Cristiana Queirós.

A vacina contra a Covid-19 é vista pelas famílias como “uma esperança para poder fazer visitas e levar os familiares para casa”. Já para os utentes simboliza resgatar a liberdade: “esperam, sobretudo, poder sair à rua”. “Os utentes estão ansiosos por sair, o que é normal, porque já estão fartos desta situação que dura há quase um ano”, conclui.

Recorde-se que o processo de vacinação está a ser acompanhado de perto pela UMP, em articulação com os Secretariados Regionais e provedores, de modo a garantir o sucesso das operações. Além disso, foi preparado um conjunto de recomendações que visam o reforço da vigilância e medidas de segurança em vigor, num contexto de elevada disseminação do vírus na comunidade. Na circular 08/2021, o vice-presidente da UMP, Manuel Caldas de Almeida, considera que embora seja legítimo, “o cansaço não nos deve fazer baixar a guarda, logo agora que estamos tão perto de poder respirar e seguir reforçados com toda a aprendizagem desta verdadeira luta pela vida de tantos”.

‘FOI UM ANO MUITO DURO, MAS A VACINA MOSTROU QUE QUANDO HÁ COOPERAÇÃO, A CIÊNCIA ANDA MAIS DEPRESSA E FAZ COISAS EXCECIONAIS PELA HUMANIDADE’

‘Esta vacina é essencial para mim’

SR Bragança No distrito de Bragança, as primeiras Misericórdias a receber a vacina foram Alfândega da Fé, Bragança, Macedo de Cavaleiros e Vimioso

TEXTO **PATRÍCIA POSSE**

Universal, gratuita e facultativa, a vacina contra a Covid-19 começou a ser administrada a 5 de janeiro nas estruturas residenciais para idosos (ERPI) e unidades de cuidados continuados (UCC) das Misericórdias do distrito de Bragança.

Nesta primeira fase e de acordo com o risco epidemiológico dos concelhos (risco extremamente elevado de contágio), foram vacinados utentes e colaboradores das Misericórdias de Alfândega da Fé, Bragança, Macedo de Cavaleiros e Vimioso.

A 9 de janeiro, foram administradas cerca de 282 doses a utentes e colaboradores das três ERPI da Santa Casa de Bragança. “Estou à espera deste momento desde que comecei a ouvir falar da vacinação em Inglaterra. Por isso, hoje é um dia muito feliz para mim”, revela Vítor Silva, utente da ERPI. Os 94 anos permitem-lhe dizer, com propriedade, que “a vacina é vida”. “Testei positivo em outubro e dou graças a Deus por estar vivo e com saúde”, reitera.

Para o provedor Eleutério Alves, a vacina é encarada como “um passo essencial” no combate à pandemia, na medida em que se inicia a imunização de pessoas de idade avançada (a maioria já com várias patologias associadas) e dos seus cuidadores, “garantindo-lhe, após a administração da segunda dose, uma maior proteção”.

“Tenho a consciência que a primeira fase é um passo importante para um processo de imunização, essencial para a nossa qualida-

de de vida, dado que pela idade, somos um pouco mais vulneráveis e precisamos de sentir alguma segurança em termos de saúde”, corrobora a utente Ana Nogueira. Aos 81 anos, não tem dúvidas: “esta vacina é essencial para mim e para todos os residentes desta casa”.

Três médicos e seis enfermeiros da Unidade Local de Saúde do Nordeste deslocaram-se à Misericórdia brigantina para a primeira inoculação. “Esta etapa é encarada por todos como um passo de esperança e de maior motivação, não só pelos residentes, como também pelos profissionais, sempre com a consciência da necessidade de manter todas as medidas de proteção e de segurança”, sublinha o provedor.

Entre os utentes da Misericórdia de Alfândega da Fé não houve reservas: “todos

A CHEGADA DA VACINA ‘É ENCARADA POR TODOS COMO UM PASSO DE ESPERANÇA, SEMPRE COM A CONSCIÊNCIA DA NECESSIDADE DE MANTER AS MEDIDAS DE PROTEÇÃO’





tomaram a vacina, à exceção de um utente porque o médico entendeu que não deveria tomá-la por causa de reações alérgicas”. Lídia Martins, diretora técnica, acrescenta que, agora, os utentes estão “mais otimistas porque a vacina é outra esperança”. Há, pelo menos, a expectativa de poder sair da instituição “para dar uma voltinha, uma vez que estão fechados há quase um ano”.

Já no que toca aos 66 funcionários, só 58 é que responderam à chamada. “A vacinação arrancou no dia 5 de janeiro e por termos sido dos primeiros a nível nacional, alguns tiveram medo e não quiseram tomar. Houve também alguns que já tinham testado positivo”, explica a diretora técnica. Sem qualquer reação adversa, os 119 vacinados aguardam por 26 de janeiro, dia da 2ª toma da vacina.

Foi no Dia de Reis que a vacinação arrancou na Misericórdia de Vimioso, onde desde o início da pandemia se registaram dois casos positivos. “Quando souberam que íamos ser dos primeiros, houve um bocadinho de apreensão, mas depois do esclarecimento dos médicos, houve confiança para aderir”, refere Cristina Quina, coordenadora da Misericórdia de Vimioso.

Todo o processo “correu muito bem”, com “datas previstas cumpridas e dentro das horas planeadas”. “Na UCC, toda a gente foi vacinada, à exceção de duas colaboradoras que estavam em isolamento profilático”, refere a responsável. Aos 21 utentes e 24 funcionários vacinados na UCC juntaram-se mais 66 utentes e funcionários da ERPI.

Cristina Quina confidencia que os utentes “já veem a salvação”. “Há um certo alívio e estão contentes porque já não estão tão confinados aos quartos e já vão poder jogar às cartas e, aos poucos, retomar a rotina.” As famílias também “estavam ansiosas que chegasse este dia” para uma contagem que desejam que seja agora decrescente: “esperam que as portas se possam abrir para poder visitar e abraçar os seus familiares”.

Já em Macedo de Cavaleiros, a Misericórdia debateu-se, no final do ano, com um surto que afetou cerca de 40 pessoas no lar do edifício-sede. Aguarda-se que a vacinação “esteja para breve, uma vez que os últimos quatro utentes já tiveram alta”. No entanto, no lar do Lombo foram vacinados 46 utentes e 17 funcionários. “Dois utentes não foram vacinados por questões médicas e um outro porque já tinha tido Covid-19. Houve 14 funcionários que recusaram porque tiveram receio e dois já tinham testado positivo” explica o diretor técnico, Adelino Cordeiro.

Aquando do ato vacinal, continuou Adelino Cordeiro, correu “tudo bem, com uma utente ou outra mais nervosa, mas foram ficando mais tranquilas” e não se verificaram quaisquer efeitos secundários. “Não houve nenhuma recusa dos utentes e perguntámos a todos os familiares se concordavam, informando que a vacina era gratuita e livre, mas todos acharam que era a esperança que nos podia valer”, concluiu o diretor técnico da Santa Casa de Macedo de Cavaleiros.

‘Só levo a vacina se a enfermeira levar’

URMA Nos Açores, o plano de vacinação contra a Covid-19 arrancou a 31 de dezembro no lar Misericórdia de Vila Franca do Campo

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Nos Açores, o plano de vacinação contra a Covid-19 arrancou a 31 de dezembro no lar Misericórdia de Vila Franca do Campo, em São Miguel. A primeira inoculação da vacina foi ministrada a uma profissional de saúde, seguindo-se a vacinação de todos os utentes e funcionários.

Marina Tavares tem 35 anos, é enfermeira, trabalha na Santa Casa de Vila Franca do Campo há 12 anos e foi a primeira pessoa a ser vacinada na ilha de São Miguel. No momento da vacinação, Marina lembra que estava “um bocadinho ansiosa”, mas confiante “no trabalho que foi desenvolvido para que pudéssemos chegar até à vacina”. “Foi um momento bastante marcante para toda a gente” com direito a “palmas”, refere.

Ser a primeira a ser vacinada foi também,

nas palavras da enfermeira, um sinal de confiança para os idosos, uma vez que muitos diziam “eu só levo a vacina se a enfermeira levar”.

Esta ideia já havia sido defendida pelo presidente da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), Manuel de Lemos, que, quando questionado sobre o facto de o plano de vacinação em Portugal ter começado pelos profissionais de saúde e não pelos idosos, como aconteceu em muitos países europeus, disse que “o facto de terem sido os profissionais da saúde os primeiros a serem vacinados também contribuiu para afastar muitas dúvidas legítimas que muitas pessoas tinham em relação aos efeitos colaterais da vacina”.

Na Misericórdia de Vila Franca do Campo foram vacinados 41 utentes e 34 funcionários. Rui Couto, vice-provedor, contou que houve “uma taxa de adesão de 99% à vacinação” e atribuiu isso ao facto de terem feito uma sessão de esclarecimento junto de funcionários, idosos e representantes dos idosos sobre os prós e contras da vacinação contra a Covid-19.

“Os utentes estão ansiosos por sair, nem que seja por um bocadinho, e a vacina veio dar-lhes a esperança de voltarem à sua rotina e, por isso, todos quiseram ser vacinados. Apenas um utente não foi vacinado por estar em recuperação de outra doença. “Mas assim que recuperar vai ser”, disse a enfermeira, para quem a vacina é um claro sinal de esperança na luta contra a Covid-19. No entanto, lembra que para conseguirmos a “tão desejada imunidade de grupo ainda há um longo caminho a percorrer”. Por isso, continuou, “não podemos descuidar todos os cuidados e diretrizes da Direção-geral de Saúde (DGS), as pessoas têm de tomar consciência que, apesar da vacina, temos de continuar a usar máscara, desinfetar as mãos, manter o distanciamento”.

O vice-provedor considera que a vacina é “fundamental e um ponto de viragem no combate à Covid-19”, dizendo ainda que esta é “sem dúvida a forma mais eficaz de garantirmos a saúde dos utentes”. No entanto, lembra que falta agora chegar “ao apoio de serviço domiciliário (SAD)”, que no caso de Vila Franca do Campo apoia 60 idosos. Esta opinião é partilhada por Bento Barcelos, presidente da União Regional de Misericórdias dos Açores (URMA), que disse estar já em contacto com o diretor regional de saúde para “referenciar a importância da vacinação dos beneficiários de SAD”.

Para o presidente da URMA a vacinação é “fundamental para travar o vírus”, referindo ainda que “para estes idosos que receberam a vacina, este momento significou a esperança do regresso à vida normal, do fim do confinamento, do abraço caloroso e desejado aos familiares e amigos, do fim das quarentenas e de um pesadelo que nunca algum deles alguma vez imaginou viver.”

Ao fecho desta edição, e segundo informação do presidente da URMA, todas as estruturas residenciais das Misericórdias de São Miguel e da Terceira, que são as ilhas com transmissão comunitária da Covid-19, já tinham recebido a primeira dose da vacina.

‘AS PESSOAS TÊM DE TOMAR CONSCIÊNCIA QUE, APESAR DA VACINA, TEMOS DE CONTINUAR A USAR MÁSCARA, DESINFETAR AS MÃOS, MANTER O DISTANCIAMENTO’

Alerta para a crise humanitária

Cabo Delgado A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) uniu-se a mais de 30 organizações representativas da sociedade civil portuguesa para apelar ao governo português e à União Europeia que se envolvam na solução da crise humanitária que atinge a região de Cabo Delgado, em Moçambique. Esta convicção foi manifestada no artigo “Cabo Delgado: não nos conformamos com a violência” publicada no site do jornal Público, no dia 22 de janeiro.

No documento, as entidades signatárias manifestam a sua preocupação e solidariedade pelas condições de vida de mais de meio milhão de deslocados internos, que têm sido “vítimas de todas as formas de violência” devido à guerra civil instaurada desde 2017.

Em contrapartida, comprometem-se a mobilizar as suas redes de contacto e entidades parceiras “para que o problema não seja esquecido e para que haja ações concretas que promovam o cessar da violência, os direitos humanos e um desenvolvimento sustentado”.

Movidas pela “defesa intransigente da dignidade humana que não pode ser subjugada a qualquer tipo de interesses”, as organizações definem igualmente como compromisso a não aceitação da “violência, injustiça e desrespeito pela dignidade humana”.

O apelo é dirigido ao governo português, meios de comunicação social e sociedade com o objetivo de mobilizar o Estado moçambicano na identificação de necessidades da população, de promover o envolvimento de organizações multilaterais, regionais e países vizinhos, de despertar a atenção dos media sobre esta crise humanitária e de mobilizar redes concretas de solidariedade, numa resposta efetiva de emergência à crise humanitária vivida na região.

A violência armada em Cabo Delgado dura há três anos e está a provocar uma crise humanitária sem precedentes, com mais de duas mil mortes e 560 mil deslocados, concentrando-se sobretudo na capital provincial, Pemba.

Em dezembro de 2020, a coordenadora residente das Nações Unidas em Moçambique descreveu a situação humanitária em Cabo Delgado como “extremamente crítica”, apontando como principais carências o alojamento e alimentação das populações deslocadas, onde se incluem mais de 250 mil crianças. 📍

TEXTO ANA CARGALEIRO DE FREITAS

Covilhã Linha social para apoiar a população

O projeto CLDS.4G. Covilhã, coordenado pela Misericórdia da Covilhã, criou, em parceria com a autarquia local, uma linha telefónica de apoio social de proximidade com o intuito de “minorar o impacto da crise pandémica provocada pela Covid-19”, refere nota enviada pela Santa Casa. Promover a companhia, ajudar os cidadãos que não têm suporte familiar ou institucional a lidar com o isolamento e apoiá-los na aquisição de bens essenciais e outras tarefas são os grandes objetivos desta iniciativa.



Mulheres inspiradoras Provedora nomeada para Prémios Activa

Maria Amélia Ferreira, provedora da Misericórdia de Marco de Canaveses e presidente do Secretariado Regional do Porto da UMP, é uma das 4 nomeadas para os Prémios Activa Mulheres Inspiradoras 2020 na categoria solidariedade. A nomeação surge na sequência do trabalho desenvolvido, ao longo do último ano, no combate à pandemia. As outras nomeadas são Ana Paula Cruz (direitos humanos dos refugiados), Andreia Castro (apoio às vítimas das explosões de Beirute) e Mariana Lobato (combate à pandemia).

Casinhãs de madeira para abrigar gatos de rua



Pedagogia A equipa do CATL aproveitou para sensibilizar as crianças para os cuidados aos animais

As crianças do ATL da Santa Casa da Misericórdia de Divino Espírito Santo da Maia decoraram abrigos para gatos de rua

TEXTO SARA PIRES ALVES

Crianças A localidade do Divino Espírito Santo da Maia, em São Miguel, Açores, ficou mais bonita e amiga dos animais abandonados depois de as crianças que frequentam o centro de atividades de tempos livres (CATL) da Misericórdia local terem decorado casinhãs para gatos de rua.

“A iniciativa partiu da jornalista Margarida Pereira que pediu ao provedor da Misericórdia do Divino Espírito Santo da Maia que a ajudasse na construção de três casinhãs de madeira para abrigar os gatos de rua de quem ela cuida diariamente”, explicou ao VM o coordenador pedagógico da Santa Casa, Paulo Bulhões.

Depois de as casas serem construídas pelo carpinteiro da instituição foram entregues no CATL para que as crianças, com ajuda dos funcionários, as pudessem decorar ao seu gosto e torná-las mais acolhedoras.

Mas primeiro, e dado o papel que a Misericórdia assume enquanto agente educativo, a equipa pedagógica da Misericórdia aproveitou esta atividade para sensibilizar as crianças para a “importância de cuidarmos dos animais, não

só dos domésticos, mas também dos animais abandonados que merecem ser bem tratados e ter algumas condições de vida. Explicámos também o motivo pelo qual estavam aquelas casinhãs a ser decoradas, para que eles percebessem que o que a senhora Margarida faz diariamente ao cuidar dos gatos abandonados é uma causa muito nobre”.

Paulo Bulhões destacou ainda que é importante “explicar em tenra idade que por vezes, infelizmente, as coisas não são bonitas e que nós adultos também temos comportamentos menos corretos, como abandonar animais ou não cuidar deles”.

Segundo o coordenador pedagógico da Santa Casa, durante toda a atividade, as “crianças mostraram-se muito sensíveis e recetivas, quiseram dar sempre a sua opinião em tudo, desde o telhado à fachada da casa”. No entanto, estavam “preocupadas em saber como os gatos iam entrar e sair e nós explicámos que eles iam ser treinados, mas que a ideia era que continuassem em liberdade, mas com um local abrigado para dormir em segurança”.

Depois de todas as explicações e de as casinhãs para os gatos estarem devidamente decoradas, as crianças foram “colocá-las junto da casa da senhora que trata deles. Fizemos questão que assim fosse para eles perceberem que não estávamos a falar do hipotético, mas que esta é uma realidade que está presente diariamente”, concluiu o coordenador pedagógico Paulo Bulhões nas declarações ao VM. 📍

Tablets para atenuar o isolamento

Tecnologia A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e a seguradora Fidelidade aliaram-se num projeto piloto de combate ao isolamento social e fomento à inclusão tecnológica da população idosa, que envolve mais de 2600 utentes das Santas Casas. Responder à necessidade de comunicação e entretenimento dos idosos em lar, no contexto de pandemia, é um dos grandes objetivos do 'Alô by Fidelidade'.

O projeto piloto entrou em funcionamento antes do Natal e decorre nos próximos seis meses nas Misericórdias, estando prevista a oferta de mais de 100 tablets. Esta iniciativa surgiu no âmbito da política de responsabilidade social da Fidelidade com o objetivo de aproximar as famílias portuguesas.

Dirigido a pessoas com mais de 65 anos, o 'Alô by Fidelidade' é uma solução desenvolvida com a tecnologia siosLife e combina a utilização de tablets com uma aplicação com acesso à internet, o que facilita a comunicação entre os idosos e as suas famílias através de um software simplificado. Para além disso, esta solução tecnológica possui ainda um vasto leque de aplicações de entretenimento (jogos, notícias, música, entre outros) e de assistência, com acesso a rede de prestadores de cuidados a idosos e cuidadores.

A propósito deste projeto piloto, Susana Martins Branco, responsável do Gabinete de Ação Social da UMP, lembrou que "a atual situação de pandemia alterou as rotinas e hábitos nas nossas estruturas residenciais, mudando significativamente a integração social e familiar dos utentes" e considera, por isso, que o desenvolvimento deste projeto "é uma enorme mais valia no momento tão especial que vivemos".

A Misericórdia de Reguengos de Monsaraz foi uma das que já recebeu dois tablets no âmbito deste projeto. Manuel Galante, provedor, agradeceu a oferta dizendo que "tudo o que possa colmatar a ausência das visitas é bem-vindo". "Adicionar dois tablets àquilo que já tínhamos veio ajudar a que mais utentes estejam em contacto com as suas famílias, que consigamos fazer ainda mais videochamadas e assim encurtar distâncias causadas pela pandemia".

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Vila Verde Cantar os reis sem risco de contágio

Os alunos do colégio da Misericórdia de Vila Verde não quiseram deixar de cantar as janeiras na instituição e, por isso, gravaram um vídeo para contornar as restrições impostas pela pandemia. Segundo nota, o vídeo para "desejar a todos um próspero ano 2021 nesta época de Reis" tem como protagonistas as crianças e conta também com imagens do presépio elaborado pela comunidade educativa.



CEP Atos religiosos suspensos em todo o país

A Igreja suspendeu, a 21 de janeiro, as missas, catequeses e outras atividades pastorais. A decisão, justificou a Conferência Episcopal (CEP) através de comunicado, deve-se à "extrema gravidade da situação pandémica que estamos a viver no nosso país". No mesmo documento, a CEP recomenda que a suspensão de missas deva ser complementada com celebrações "transmitidas por via digital". Uma semana antes, a hierarquia da Igreja Católica já tinha determinado a suspensão e adiamento de todas as celebrações de batismos, crismas e matrimónios.

Pernes Apoiar quem está mais vulnerável

A Misericórdia de Pernes vai receber um apoio financeiro da autarquia no valor de 750 euros para continuar a ajudar munícipes em situação de maior vulnerabilidade socioeconómica. Com esta verba a Santa Casa vai prestar apoio a 15 famílias sinalizadas. Cada uma recebe 50 euros por mês. A Cruz Vermelha Portuguesa, que apoia 40 famílias, vai receber dois mil euros que serão igualmente distribuídos em tranches mensais.

NÚMEROS DAS MISERICÓRDIAS

168

Segundo o primeiro-ministro, António Costa, foram vacinadas, até 28 de janeiro, mais de 168 mil pessoas entre profissionais e residentes das estruturas residenciais para pessoas idosas e da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI).

28%

Segundo a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho, a percentagem de óbitos por Covid-19 em lares é de 28%.

60,7%

A abstenção nas eleições para Presidente da República, de 24 de janeiro, situou-se nos 60,7%, o valor mais elevado de sempre em presidenciais.



PAULO MOREIRA
Diretor do Jornal
paulo.moreira@ump.pt

O melhor e o pior de nós

Iniciou-se finalmente o processo de vacinação contra a Covid-19, que pretende numa primeira fase imunizar os utentes dos lares e UCCI e os trabalhadores destas estruturas. É sem dúvida uma boa notícia que permite abrir uma janela de esperança e proteger de forma eficaz os mais idosos e mais frágeis e os seus cuidadores.

Estamos, contudo, no início de um processo que sabemos ser longo, que vai certamente ter alguns acidentes de percurso e eventualmente algumas atitudes ou ações menos corretas ou ponderadas. Temos, por isso, que ser rigorosos na execução do plano de vacinação, sem baixar a guarda em relação ao vírus.

A vacina é uma excelente notícia e já está no terreno, mas no quadro atual da pandemia em Portugal temos, por maioria de razão, de ser perseverantes e continuar a cumprir todas as regras de proteção individual e coletiva, de

Este o único caminho para podermos num futuro, que espero que não seja demasiado longínquo, retomar a vida em toda a sua plenitude

todos bem conhecidas e que continuam a ser fundamentais para responder à agressividade brutal desta pandemia.

As crises são férteis em exemplos do melhor e do pior da espécie humana. Se foi possível em tempo record encontrar uma vacina, o que implicou colaboração e partilha de dados e conhecimento, vemos ao mesmo tempo comportamentos irresponsáveis, negacionistas, egoístas e socialmente condenáveis que só contribuem para atrasar o combate, implicando assim mais mortos e mais infetados, com tudo o que isso acarreta.

Na pior fase da pandemia entre nós, temos alguns sinais de esperança, não sendo o tempo para questiúnculas, nem para valorizar e empolar o que corre menos bem.

Centremo-nos na vacinação e continuemos a cumprir com rigor as normas de proteção individual e de isolamento social, pois é este o único caminho para podermos num futuro, que espero que não seja demasiado longínquo, retomar a vida em toda a sua plenitude.



*Consumo combinado de energia em kWh/100km: 26,9 a 35,5 kWh; emissões de CO2 combinadas em g/km: 0. Imagem das viaturas não contratual. Os dados relativos ao consumo e autonomia foram determinados com base no Regulamento 2017/1151/EU e dependem da configuração do veículo e do estilo de condução individual.

Novos Mercedes-Benz eVito e eSprinter. 100% Elétricos. 100% Eficientes.

Adira à mobilidade elétrica com a Carclasse. O Ambiente agradece e a sua empresa também.

Sejam quais forem as suas necessidades ou objetivos, os veículos comerciais ligeiros Mercedes-Benz ajudam-no a atingir as suas metas com a fiabilidade, conforto, sofisticação e segurança que só o mundo Mercedes-Benz lhe oferece. Agora de forma 100% elétrica e 100% eficiente.

Carclasse a sua Mobilidade é a nossa Missão.

Peça já a sua proposta

808 200 808

Mercedes-Benz



Carclasse

Braga - Barcelos - Famalicão - Viana do Castelo - Guimarães - Lisboa - www.carclasse.pt - info@carclasse.pt

FRASES



Onde o setor público não pode acorrer sozinho precisa do social, como nos cuidados continuados, cada vez mais importantes numa população envelhecida

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República e candidato nas eleições presidenciais de 2021
No debate da RTP com todos os candidatos



Posso também falar nas mulheres que trabalham sobretudo no setor social e a maior parte delas a fazerem milagres com o salário mínimo

Ana Gomes
Candidata a Presidente da República
No debate da RTP com todos os candidatos

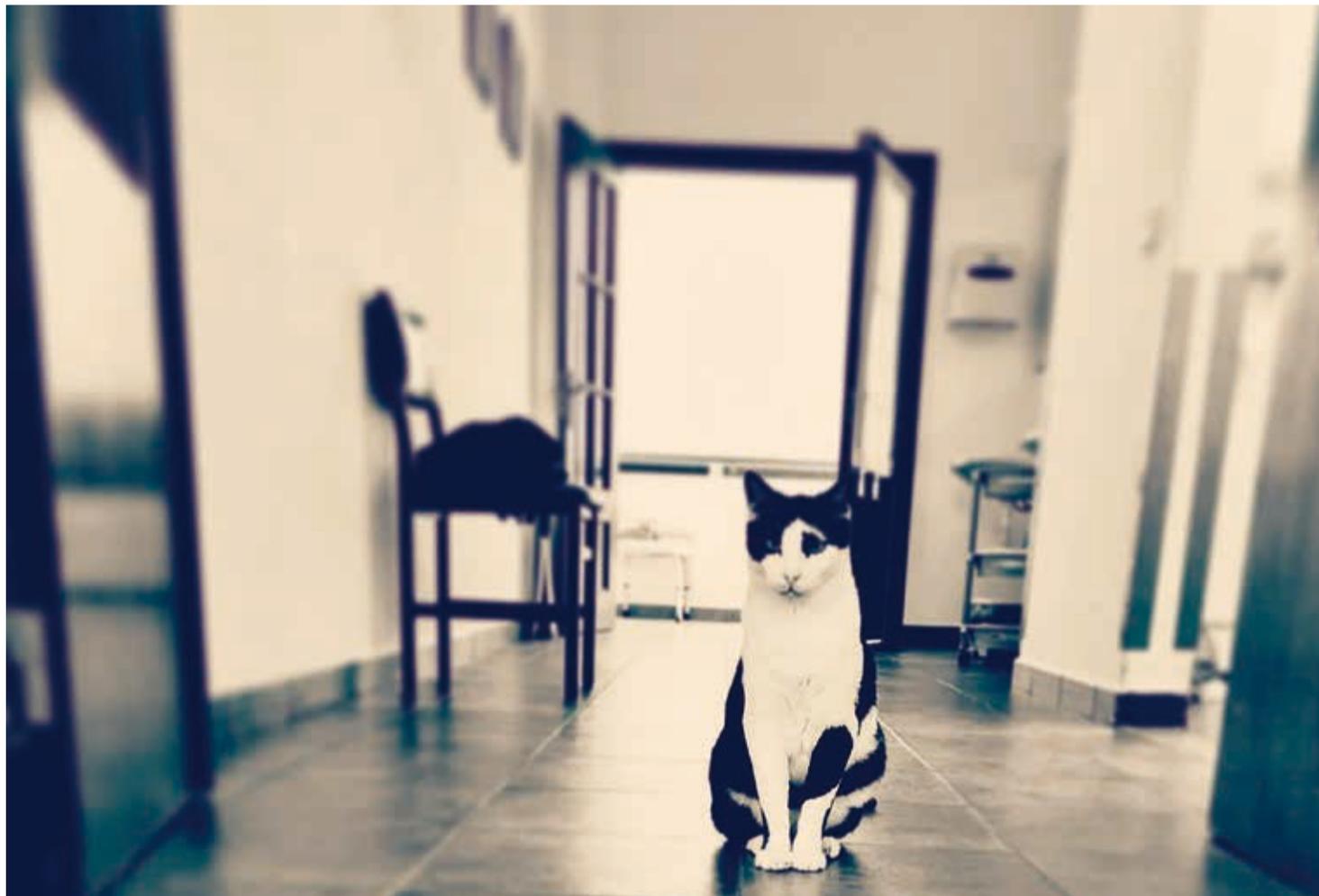


Nas sociedades desenvolvidas, o setor social não pode ser um subproduto. Tem de ser um parceiro, a par do setor económico

Manuel de Lemos
Em entrevista à Agência Ecclesia, sobre o Orçamento de Estado para 2021

FOTO DO MÊS

Por Misericórdia de Cabrela



CABRELA
SORRISOS QUE NUNCA
SERÃO ESQUECIDOS

“A gata Francisca não entende porque é que os cadeirões estão vazios de colos para se enroscar. Não sabe o porquê de tanta porta fechada. A nossa casa está de luto, está em guerra. Os sorrisos que se apagaram nunca serão esquecidos. Inspiram as batalhas que ainda enfrentamos. Cada alma que perdemos foi cuidada, abraçada e amada até ao seu último momento. Saibam que por mais ingloria que a luta se afigure, nunca baixamos os braços. Na nossa casa há amor. O mais poderoso dos remédios, a mais doce das recompensas.” Excerto adaptado do texto da Santa Casa de Cabrela a propósito do surto de Covid-19 no lar de idosos.

O CASO

Arquivo para ‘imortalizar a identidade’

Óbidos A Santa Casa da Misericórdia de Óbidos lançou recentemente o 11º volume das suas atas. Ao todo já foram publicadas 14 edições desde que a instituição assumiu a salvaguarda do espólio documental como um eixo estratégico de atuação. Para o provedor, a publicação desses livros visa combater “a probabilidade dos documentos se perderem ou ficarem votados ao abandono” e também contribuir para “imortalizar a identidade da nossa Santa Casa”.

De acordo com Carlos Orlando, o trabalho de conservação de todo este conjunto documental tem vindo a ser desempenhado, “com delicadeza e sabedoria”, pelo historiador Ricardo Pereira, que voluntariamente cuida não só da higienização dos documentos, como também da organização e tratamento técnico do espólio.

O objetivo, explicou o provedor, é garantir que investigadores tenham acesso a documentos que permitam a elaboração de estudos, contribuindo desta forma “para a construção

de uma memória institucional e para uma consciencialização do percurso e da experiência acumulada da nossa Santa Casa”.

Destacando os esforços do historiador para que o acesso à informação seja “célere e eficaz” para os utilizadores do arquivo da Misericórdia de Óbidos, Carlos Orlando referiu ainda que a Mesa Administrativa continua a “perspetivar a continuação da organização do arquivo, como um investimento, e não como uma perda de tempo”. No horizonte próximo está, a este propósito, a reformulação da página de internet da Santa Casa, onde estarão disponíveis em pdf todos os livros publicados.

O primeiro livro desta coleção de atas tem documentação do século XVI e com a publicação do 11º volume este trabalho chega ao século XX, mais precisamente o ano de 1905. Segundo o historiador, em declarações ao jornal Gazeta das Caldas, o próximo volume deverá abarcar documentos até 1914.

Já foram publicadas 14 edições desde que a Santa Casa assumiu a salvaguarda do espólio documental como um eixo estratégico

Ricardo Pereira contou ainda que as atas deste novo volume permitem conhecer “o estado financeiro débil e de difícil gestão” que a Santa Casa da Misericórdia de Óbidos vivia. Um documento de 1902 dá conta de que o equilíbrio financeiro foi restabelecido, tendo sido proposto um voto de louvor ao então provedor, Virgínio Pereira, pelo “zelo e atividade na boa administração”.

Gondomar Gabinete itinerante está a funcionar

O projeto TEIIA CLDS-4G, desenvolvido pela Santa Casa da Misericórdia de Gondomar desde março de 2020, colocou recentemente em funcionamento um gabinete itinerante. Segundo nota da instituição, o público-alvo desta iniciativa são pessoas em situação de isolamento ou exclusão social que, com o novo gabinete, poderão ter acesso a “informação diversa e ajustada” através de atendimento presencial e também beneficiar de biblioteca e espaço multimédia.



Arcos de Valdevez Apoio para ampliação do lar residencial

Câmara Municipal e Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez assinaram, no dia 13 de janeiro, o protocolo de colaboração que concretiza o apoio de 200 mil euros que a autarquia concede às obras de ampliação do lar residencial para deficientes. A empreitada vai aumentar para 30 o número de vagas neste lar e, segundo nota da Santa Casa, “é determinante a sensibilidade da autarquia para as questões sociais, assim como para as iniciativas que as instituições levam a cabo”.



‘Até os mais reservados entraram na brincadeira’

A Associação Palhaços d’Opital esteve na unidade de cuidados continuados da Misericórdia de Ílhavo a espalhar alegria e bom humor

TEXTO **VERA CAMPOS**

Ílhavo Com as visitas em suspenso, fruto da pandemia de Covid-19, a unidade de cuidados continuados (UCC) da Misericórdia de Ílhavo tem procurado formas de minimizar a saudade das famílias, dos carinhos e dos afetos. As videochamadas surgiram no imediato, mas a equipa da UCC sentia que precisava de fazer mais. Depois do Natal, em que as famílias puderam ver os seus familiares através de uma plataforma elevatória, o início de janeiro ficou marcado por uma visita muito especial. A ‘Palhaços d’Opital’ esteve em Ílhavo com os Doutores Palhaços.

Durante cerca de duas horas, a equipa dos Doutores Palhaços espalhou alegria e boa disposição pelos 45 utentes em internamento. Leandro Oliveira, enfermeiro coordenador da unidade, conta-nos que, por instantes, os utentes conseguiram abstrair-se da pandemia que assola todo o país e o mundo. “Esta foi a forma

encontrada de mimarmos os nossos utentes. Com alegria e boa disposição, tentamos compensar a ausência das famílias”. O enfermeiro sabe que “não é fácil” porque é impossível substituir os familiares, mas “tentamos minimizar o mais possível”.

Humor, música e teatro foram algumas das dinâmicas desenvolvidas e que conseguiram cativar “até os mais reticentes”. “Foi muito giro porque eles aderiram, até os utentes mais reservados foram cativados pelo humor e entraram na brincadeira”, explica Leandro Oliveira. Houve cantoria, com cantigas populares, desgarrada e até futebol à mistura. Num improviso muito bem preparado, os “doutores” tocam cada utente de forma particular. Os gostos de cada um, as preferências e as suas áreas de interesse são estudadas ao pormenor para que a interação seja o mais profícua possível. “Ao contribuímos para o bem-estar geral, sabemos que teremos reflexos positivos no estado emocional e físico do utente” frisa o coordenador da UCC.

Jorge Rosado é o corpo e a alma do Doutor Risotto. Conceituado ‘Palermologista’, assume-se como um otimista estupidamente feliz. Em declarações ao VM, Risotto mostrou-se muito contente com a visita a Ílhavo. “Foi a primeira unidade que visitámos em 2021 e foi

uma experiência encantadora”. Em março de 2020, a ‘Palhaços d’Opital’ viu-se impedida de manter as visitas presenciais aos cinco hospitais parceiros: Unidade Local de Matosinhos, IPO de Coimbra, Centro Hospitalar Baixo-Vouga (Aveiro), Hospital Distrital da Figueira da Foz e no Centro Hospitalar Tondela-Viseu.

“Em vez de ficarmos parados a pensar muito no problema, optámos por encontrar soluções”, explicou Jorge Rosado. Criar um canal de YouTube e desenhar conteúdos para o digital foi o recurso encontrado. “Entre março e dezembro desenvolvemos 79 vídeos”. No digital e nas redes sociais apelaram e ensinaram como usar corretamente a máscara, as regras de higienização e outros cuidados a ter perante esta pandemia. Dinâmica por natureza, a equipa esteve sempre disponível para colaborar com instituições e profissionais de saúde. Enquanto se manteve o confinamento, aproveitaram também para desenvolver novas dinâmicas.

Desengane-se quem pensa que estes palhaços doutores trabalham na base do improviso. “A pessoa é sempre o centro da nossa dinâmica. Tentamos encontrar o que melhor se adapta a cada utente”. Com o objetivo de surtirem um impacto efetivo no bem-estar de quem os acolhe, todas as dinâmicas são estruturadas. “Em



Doutores Palhaços Durante cerca de duas horas, a dupla de palhaços espalhou alegria e boa disposição pelos 45 utentes em internamento

média, cada nova dinâmica tem entre três a seis meses de preparação. Fazemos pesquisa, formação musical, muito ensaio” adianta Risotto, que conta com a companhia de uma equipa de dez elementos mais um. Doutores Palhaços são mais três: Doutora Donizete Chiclete, Doutora Bem Haja e Doutora Milla Nezza.

Em julho, mais precisamente no dia três, a equipa regressou ao IPO de Coimbra e às visitas presenciais apenas nesta unidade. Sujeitos a uma higienização rigorosa e a medidas exigentes, os Doutores voltaram a espalhar alegria. Se o cuidar, alimentar, tratar, medicar faz parte da missão das instituições, para esta equipa de doutores, composta por artistas profissionais, com experiência performativa e com formação específica na área do palhaço em ambiente hospitalar, o objetivo é ser alegria em movimento.

A visita da Associação Palhaços d’Opital à UCC de Ílhavo contou com a colaboração da comunidade, que patrocinou a iniciativa, um dado que o enfermeiro Leandro Oliveira também releva. “É importante que a comunidade se aproxime da unidade e perceba o trabalho que aqui desenvolvemos. Que percebam a razão de existirmos. Ainda há quem desconheça o que se faz numa unidade de cuidados continuados”.



Acordo UMP e NOS renovaram parceria com vista a acelerar inovação tecnológica

Acordo para mais inovação tecnológica

Protocolo A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e a empresa NOS renovaram um acordo que visa a criação de um conjunto de benefícios no âmbito das comunicações eletrónicas e serviços conexos para as Santas Casas de Misericórdia em Portugal, bem como a implementação de projetos e soluções tecnológicas inovadoras com impacto social, principalmente dirigidas ao apoio domiciliário sénior.

O protocolo, já celebrado em 2018 e que agora se renova, estabelece uma parceria para a implementação de iniciativas transversais na área das comunicações e da digitalização em prol de atividades de apoio social, e possibilita o acesso das 387 Misericórdias ativas em Portugal aos serviços de telecomunicações da NOS, com condições preferenciais.

Face ao atual contexto de pandemia, as soluções visam acelerar a inovação tecnológica de entidades de apoio social e podem contribuir diretamente para o combate ao isolamento e garantir a continuidade de atividades de assistência.

Para Manuel de Lemos, presidente da União das Misericórdias Portuguesas, “a continuidade desta parceria representa uma vertente importante para a sustentabilidade das instituições, possibilitando-lhes o acesso a serviços e ferramentas tecnológicas que se revelam determinantes nas várias atividades de apoio social prestadas”.

De acordo com Manuel Ramalho Eanes, administrador da NOS, “com a UMP iniciámos um caminho de inovação social e colocámos a tecnologia ao serviço da atividade das Misericórdias. Agora, vamos mais longe, e abrimos a porta para a criação de novas respostas digitais que permitam aumentar a eficiência dos cuidados em função das necessidades das pessoas idosas, das suas famílias e cuidadores”.

Lamego Atas online sobre Santas Casas do Douro

Já se encontra disponível a publicação das atas da 6.ª edição das conferências do Museu de Lamego | CITCEM, que em 2019 tiveram como tema as Misericórdias no Douro: História, Arte e Património, a pretexto da celebração dos 500 anos da fundação da Misericórdia de Lamego. Com a edição das atas, fecha-se um ciclo de atividades inseridas no âmbito do programa do Museu de Lamego, ‘Instituição Convidada’, que teve início, em 2019, com a Santa Casa da Misericórdia de Lamego.



Vale de Cambra Cantaram-se os reis mesmo com pandemia

Se Maomé não vai à montanha, vai a montanha a Maomé. Foi assim na Santa Casa da Misericórdia de Vale de Cambra, por ocasião do Dia de Reis, celebrado a 6 de janeiro. Segundo nota partilhada nas redes sociais pela instituição, “os novos tempos exigem novas formas de atuar” e por isso as crianças do pré-escolar cantaram os reis aos idosos do lar com recurso à transmissão online. A tradição manteve-se, apesar do distanciamento imposto pela pandemia.



Saúde O hospital da Misericórdia de Valpaços reabriu há pouco mais de um ano

Hospital é estratégico para região

Valpaços O presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel de Lemos, e o eurodeputado e ex-secretário de Estado da Saúde Manuel Pizarro visitaram, no dia 7 de janeiro, o hospital da Misericórdia de Valpaços, que abriu portas à população há pouco mais de um ano, colocando fim a um interregno de oito anos sem hospital no concelho.

Segundo o jornal ‘A Voz de Chaves’, a visita guiada foi feita por Altamiro Claro, provedor, que destacou a ligação da Santa Casa com a saúde hospitalar. “A Misericórdia de Valpaços nasceu por causa do seu hospital” e “entendemos que era estratégico, não só para o concelho, mas também para a região, a abertura” da unidade hospitalar, pelos serviços de saúde que presta e pelo combate à desertificação do interior.

A este propósito, Manuel Pizarro, que também é médico, afirmou que “o principal fator numa unidade de saúde são os recursos humanos e a Misericórdia de Valpaços teve o engenho de atrair uma equipa vasta, multifacetada de gente jovem, com excelente formação”, o que “ilustra perfeitamente bem como isto é tão importante do ponto de vista socioeconómico”, sublinhou o eurodeputado.

Além disso, Manuel Pizarro considerou que o hospital está “adequadamente dimensionado para a realidade local”, destacando a modernidade, qualidade técnica e as garantias de conforto e de segurança da unidade. O presidente da UMP também teceu elogios ao hospital, que “tem uma sala de bloco como muitos hospitais centrais portugueses não têm e é uma mais-valia para a região”.

Poucos dias depois, a 19 de janeiro, o hospital da Misericórdia de Valpaços começou a receber doentes não-Covid para, desta forma, libertar meios e camas do Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Segundo nota da Santa Casa, foram disponibilizadas 10 camas para o efeito e “esta medida resulta do acordo celebrado com a ARS-Norte para a prestação de cuidados de saúde” e reforça “assim o nosso papel de prestação de cuidados de saúde complementares ao Serviço Nacional de Saúde”.

MoliCare® Premium Elastic



NOVO

Sistema de fixação
Elástico



muda da fralda
**20%
mais rápida***



6 níveis de absorção



Serviço ao Cliente
Tel. 219 409 920

www.hartmann.pt

PH MoliCare05/2010

Fabricada e Dispositivos Médicos. Leia cuidadosamente a rotulagem e as instruções de utilização.
* Die Ergonomy-Experten, comparison of the application of conventional incontinence briefs with MoliCare Premium Elastic, Oct. 2015, Dijon, France.

Homenagem para celebrar 500 anos dedicados à causa

Misericórdia do Crato celebrou 500 anos com uma homenagem a todos aqueles que ajudaram a construir uma história dedicada à causa social

TEXTO **PATRÍCIA LEITÃO**

Crato A Santa Casa da Misericórdia do Crato, no distrito de Portalegre, completou em 2020 mais um marco da sua já longa missão e o momento ficou marcado por uma homenagem a todos aqueles que ajudaram a construir uma história de cinco séculos dedicados à causa social.

Para celebrar esta importante data foi preparado um ambicioso e abrangente programa que, devido à pandemia de Covid-19, não foi possível concretizar. No entanto, a instituição entendeu que não deveria terminar o ano sem que este aniversário fosse assinalado e, nesse sentido, realizou no final do mês de dezembro uma cerimónia simbólica e restrita de homenagem a todos os que ajudaram a construir a história desta Misericórdia.

A comemoração ficou marcada por dois momentos. O primeiro ocorreu no exterior da igreja da Misericórdia, onde foi colocada uma placa com uma mensagem de agradecimento e tributo pelo “trabalho de todos os dirigentes e voluntários que ao longo de cinco séculos dedicaram o seu saber e tempo a esta instituição”.

Mariano Cabaço, diretor das comemorações dos 500 anos, explicou que o simbolismo deste espaço é muito importante na história da Santa Casa por ser um marco vivo da sua existência ao longo dos últimos séculos, e que passou por diversas transformações da sociedade, sendo esse o motivo pelo qual “faz todo o sentido que fique aqui registado para a posteridade esta data”, constatou, denotando que é a primeira vez que algo assim é feito.

Afirmado ainda que as comemorações não são um saudosismo do passado, mas, sobretudo, “uma oportunidade para marcar a identidade e missão da instituição, cimentada nas obras de misericórdia que continuam tão atuais como há 500 anos”, Mariano Cabaço confessou o seu desejo que seja também um estímulo para “novas adesões”.

O segundo momento teve lugar no Lar Nossa Senhora da Conceição, onde foi inaugurado um mural, construído com a técnica da cantaria, arte tradicional do Crato, alusivo

A pandemia impossibilitou a realização do programa ‘ambicioso e de grande qualidade’ para celebrar os 500 anos da Santa Casa

aos 500 anos e quatro placas institucionais, nomeadamente da Santa Casa, da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), da Câmara Municipal do Crato e da União de Freguesias de Crato e Mártires, Flor da Rosa e Vale do Peso, com mensagens de agradecimento e reconhecimento do papel importante que a instituição teve, e continua a ter, a vários níveis para a população cratense.

O provedor Mário Cruz, que manifestou o seu lamento por a pandemia ter impossibilitado a realização do programa “ambicioso e de grande qualidade que preparámos e que contemplava tudo aquilo que a Santa Casa deveria ter na comemoração dos cinco séculos”, referiu-se a este momento como uma demonstração do “orgulho que sentimos do trabalho destes 500 anos porque não é fácil encontrar muitas instituições com esta idade”, afirmou.

De seguida leu as palavras que figuram na placa que, como referiu, resumem aquele que foi o objetivo desta homenagem: “500 anos a cumprir com as 14 obras de misericórdia. Ontem como hoje, sempre com o pensamento nas pessoas. Uma Misericórdia atual, renovada, dinamizadora e moderna, sem nunca perder o espírito católico. Uma Misericórdia humanista, social, cultural, adaptada ao tempo e disponível para as agruras e sofrimento dos homens. Uma Misericórdia que foi, é e será sempre o celeiro dos pobres. Uma Misericórdia reconhecida a todos os que ao longo destes 500 anos lhe deram o seu melhor”.

Com “muita esperança no futuro”, Mário Cruz manifestou a sua convicção de que a instituição terá “sempre” capacidade para encontrar forças e formas de continuar a lutar pelos seus projetos, mantendo uma atividade dedicada à comunidade e ao apoio aos mais necessitados, sem “nunca perder o rumo da sua missão e identidade”.

Mariano Cabaço, que também representava a UMP na cerimónia, deixou ainda uma palavra de reconhecimento ao trabalho que tem sido desenvolvido pela Misericórdia do Crato, denotando que “são instituições que nasceram da comunidade para servir a comunidade”.

O presidente da Câmara Municipal do Crato, Joaquim Diogo, referiu-se a este momento como um “marco importante para o concelho”, considerando que foi importante não deixar de assinalar a data, pois “a história desta instituição assim o merece”.

Para o presidente do executivo municipal, a Santa Casa da Misericórdia do Crato é “muito presente” no território. “Não só naquilo que é a proteção dos mais necessitados e dos idosos, mas também naquilo que é a formação dos mais novos, na cultura, como também no papel que tem tido no desafio que nos foi colocado no ano de 2020, que foi bem representativo da importância destas instituições”, frisou Joaquim Diogo, realçando ainda a sua importância em termos de economia social pelo “número de postos de trabalho que assegura num concelho como o nosso e pelo número de famílias que são abrangidas, direta ou indiretamente, pela sua atividade”. **VM**

Unidade com 21 camas para doentes Covid

Vila Verde A Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde criou uma unidade para tratamento de doentes Covid-19. Segundo comunicado da instituição, a unidade com 21 camas foi criada, com conhecimento da Autoridade de Saúde Local, como ala Covid com o objetivo de receber doentes para tratamento e isolamento.

“Temos uma equipa de profissionais incansáveis e criámos esta unidade de Covid-19 para garantir um tratamento mais eficaz de todos os utentes e doentes que testem positivo à Covid. Sabemos que o momento é delicado, mas tudo temos feito, em consonância com as autoridades de saúde, para mitigar a pandemia e cuidar de cada doente até à cura”, avança o provedor Bento Morais na nota divulgada. Com o avançar da pandemia, a unidade tem vindo a registar ocupação completa.

Ainda de acordo com o provedor, a direção clínica desta unidade está entregue ao médico Raúl Marques Pereira, que trabalha com uma equipa de profissionais de várias áreas da saúde para garantir um acompanhamento de excelência a todos os doentes internados na unidade.

“A equipa de profissionais de saúde afeta à unidade Covid tem sido incansável e os doentes estão todos estáveis no momento”, refere Bento Morais.

O mesmo comunicado refere que, “numa altura em que tanto se fala em tratamento de doentes não Covid nos hospitais sociais e privados”, o hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde continua a “trabalhar em pleno” para assegurar cirurgias, exames e consultas. “Diariamente o hospital atende centenas de doentes e tem sido uma retaguarda de excelência aos hospitais centrais, que sentem maior pressão com o aumento da pandemia, sendo obrigado a parar alguns tratamentos e cirurgias não urgentes”. **VM**



Formação para combater a pandemia

A UMP está a promover sessões de formação sobre prevenção e combate à Covid-19 em respostas sociais com grupos de risco

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Formação A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) retomou a 11 de janeiro as sessões de formação sobre prevenção e combate à Covid-19 em respostas sociais com grupos de risco. As Misericórdias do distrito de Faro foram as primeiras, nesta segunda fase da ação de formação, a receberem as sessões.

A gestão da pandemia e de equipas, a legislação em vigor, os planos de contingência e os cuidados a ter nas visitas são apenas alguns dos temas que vão ser abordados ao longo das sessões, que vão ser ministradas por uma equipa multidisciplinar de formadores.

Dirigidas aos diretores técnicos, responsáveis e dirigentes de equipamentos com respostas sociais que acolham e prestem serviços a grupos de risco, estas sessões de formação têm como grande objetivo sensibilizar e capacitar para a organização dos serviços com as regras que se impõem perante a pandemia provocada pelo surgimento do vírus SARS-CoV-2.

As sessões de formação sobre o novo coronavírus vão ser ministradas a todas as Santas Casas via on-line, através da plataforma Zoom, e cada Misericórdia pode inscrever três formandos. Durante as sessões os participantes podem intervir para tirar dúvidas e/ou fazer questões relacionadas com o tema que está a ser escrutinado.

Até ao final do mês de janeiro vão ainda receber as sessões de formação as Misericórdias dos distritos de Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Coimbra e Santarém. De salientar que os distritos vão sendo avisados da ação de formação e convidados a inscrever-se gradualmente. Cada sessão de formação tem a duração

de seis horas, divididas em dois módulos, de três horas cada um.

Esta ação de formação sobre Covid-19 está a ser desenvolvida com o financiamento do programa Adaptar Social +, o que leva a que apenas as Misericórdias do continente estejam abrangidas. No entanto, a UMP irá, a expensas próprias, estender esta formação às Misericórdias dos Açores e da Madeira. Espera-se que esta ação de formação esteja concluída até ao dia 31 de março.

A par desta ação de formação, a UMP emitiu, através da Circular 8/2021, um conjunto de recomendações dirigidas às suas associadas que visam o reforço da vigilância e medidas de segurança atualmente em vigor. A vigilância redobrada dos profissionais para a deteção precoce de sintomas, o reforço das medidas de higiene e segurança, a sensibilização da necessidade de manutenção de cuidados junto dos colaboradores com filhos em idade escolar, a articulação com as autoridades de saúde e a restrição de entradas no interior dos equipamentos são algumas das recomendações. **VM**

As sessões de formação sobre o novo coronavírus vão ser ministradas a todas as Santas Casas via on-line, através da plataforma Zoom

Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) com condições comerciais exclusivas⁽ⁱ⁾ para as Santas Casas de Misericórdia em Portugal.

⁽ⁱ⁾Ao abrigo do protocolo celebrado.

- ✦ EPIs produzidos em Portugal, descartáveis e reutilizáveis, com um custo a partir dos €0,80⁽ⁱⁱ⁾
- ✦ Entregas em 24h para todas as Misericórdias do País
- ✦ Produtos inovadores, concebidos a pensar na protecção da saúde e também na comodidade, robustez e fácil utilização, por parte dos profissionais de saúde

⁽ⁱⁱ⁾ Exemplo para um fato de protecção completo de 75GSM lavável até 10 vezes.

PARA MAIS INFORMAÇÕES/ORDENS DE COMPRA CONTACTAR:
+351 910 677 989 | ump@twinklevariance.com

Twinkle Variance



Fotografias Um dos objetivos é estimular a percepção visual a orientação espacial

Casa amigável para pessoas com demência

Vagos Desenvolvido pela Misericórdia de Vagos para apoiar doentes com demência e seus cuidadores, o projeto 'Memorizar' continua a evoluir. A mais recente estratégia passa por tornar os domicílios de alguns utentes em casas amigáveis. Em termos práticos, pretende-se complementar a ação com uma estratégia permanente e diária. O VM ouviu Anabela Silva, neuropsicóloga e uma das dinamizadoras da 'Casa Amigável'.

Tarefas tão simples e comuns como preparar a mesa da refeição, arrumar a loiça ou limpar a casa nem sempre estão ao alcance de todos. Os utentes com demência tendem, gradualmente, a perder faculdades, entre elas a capacidade funcional e a orientação espacial. O declínio cognitivo é tanto mais acentuado e irreversível quanto menor for o estímulo cognitivo. Ciente desta realidade, a equipa do projeto Memorizar desenvolveu a 'Casa Amigável' que ajuda utente e cuidador, diariamente. Como? Recorrendo a fotografias reais do domicílio do utente.

"Com autorização do cuidador, tiramos fotografias ao interior dos armários, gavetas e mobiliário que fazem parte da cozinha e da sala. As mesmas fotografias são coladas no exterior de cada armário, identificando os objetos que se encontram no seu interior", explicou Anabela Silva.

A neuropsicóloga conta que ao recorrerem a fotografias reais, ao invés de qualquer outra foto semelhante, estão a estimular a memória emocional e afetiva do utente. Ao mesmo tempo, esta passa a ser uma estratégia "diária e permanente" ao alcance do cuidador. "Costumamos dizer às famílias que as tarefas devem ser feitas com ele [utente] e não por ele", indicou acrescentando que, desta forma, o cuidador pode pedir a colaboração do utente para pôr a mesa ou arrumar alguma loiça. "Ao identificar, por exemplo, o armário onde estão guardados os copos, o utente está a estimular a sua percepção visual, bem como as faculdades executivas e de orientação espacial".

Nem todos os utentes poderão usufruir da medida, pois nem todos os estádios da doença o permitem, mas é intenção aumentar o número de casas amigáveis durante este ano. 📌

Góis Palavras para homenagear equipa do lar

Em plena pandemia, surgem gestos de carinho que transmitem novo alento aos profissionais que assumem a sua missão com "amor e dedicação". Exemplo disso foi a homenagem feita à Misericórdia de Góis, pela família de um utente da estrutura residencial para idosos, dirigida aos que "estendem [as mãos] todos os dias, que com o toque transparecem serenidade, com a voz tranquilizam e com os olhos amam". Sob a forma de um poema, o texto foi enviado no dia 13 de janeiro de 2021 para assinalar o primeiro ano de Rui Fernandes a residir na ERPI.



Ílhavo Plataforma elevatória para ver a família

No Natal, com o apoio dos Bombeiros de Ílhavo, a Santa Casa da Misericórdia permitiu aos familiares dos utentes internados usufruírem de uma visita, no mínimo, diferente. Recorrendo a uma plataforma elevatória, os familiares foram elevados a cerca de 15 metros de altura e, separados por uma janela, puderam comunicar com os seus utentes que se encontravam do lado interior. Assim, puderam ver as famílias, ainda que cumprindo com as distâncias necessárias, e minimizar as saudades.



Seia Uma década de cuidados continuados

A unidade de cuidados continuados integrados (UCCI) da Misericórdia de Seia completou recentemente uma década de funcionamento. Em nota partilhada nas redes sociais, a equipa da UCCI recordou a sua missão de "desenvolver ações mais próximas das pessoas em situação de dependência". Destacando que "cuidar não passa apenas pela prestação de cuidados de saúde, os profissionais reforçaram o seu compromisso de "todos os dias, dar um passo em frente na humanização dos cuidados de saúde".

Caminha Recolha de resíduos valeu distinção

O Centro Infantil da Misericórdia de Caminha foi o grande vencedor da 1ª fase do concurso nacional Geração Depositário. De setembro a dezembro de 2019, este estabelecimento de ensino foi o que recolheu o maior peso de resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos e, por isso, foi galardoado com a oferta de um equipamento da LG. O concurso visa, através das crianças, sensibilizar os cidadãos para a importância da entrega de pequenos Resíduos de Equipamentos Elétricos e Eletrónicos (REEE) e pilhas usadas.



CARLOS JOSÉ BATALHÃO

Advogado especialista em Direito Administrativo

Estratégia, planeamento e decisão de contratar

A contratação pública deve ser estratégia e planeamento, de tal forma que o procedimento pré-contratual surja naturalmente como execução dessa estratégia e conforme o planeado. Previamente, portanto, é necessário planear a contratação, definir planos de atividade contratual, orçamentos, cabimentações [o "plano contabilístico" da contratação é fundamental, como o demonstra o artigo 96º, nº 1 al. h), que exige esse elemento no contrato, sob pena de nulidade], etc. Aliás, as entidades públicas sujeitas à Lei dos Compromissos e Pagamentos em Atraso (LCPA) não podem assumir compromissos (e, portanto, celebrar contratos) que excedam os fundos disponíveis. É que a contratação (desde logo no que tange à competência para autorizar a despesa e a decisão de contratar e o cumprimento das condicionantes relativas aos aspetos orçamentais) implica uma definição prévia e fundamentada do valor do contrato, sendo que este cria um compromisso financeiro para a entidade adjudicante.

Ora, o procedimento de formação de qualquer contrato inicia-se com a decisão de contratar, o que, desde logo, revela a importância dessa decisão na economia da contratação pública. É esta decisão de contratar que irá produzir o efeito jurídico da legitimação jurídica da necessidade ou conveniência do contrato em causa, das prestações que a entidade adjudicante se propõe obter através dele, do instrumento através do qual pretende adquiri-las e das demais opções procedimentais e de contratação pública seguidas; nesta perspetiva, constitui o "pressuposto básico da validade do procedimento de contratação pública que daí saia e do contrato celebrado na sua sequência" (como ensinam MÁRIO e RODRIGO ESTEVES DE OLIVEIRA).

Assim, a decisão de contratar é, pois, um ato jurídico, unilateral, pelo qual, constatada a necessidade ou a conveniência de adquirir certos bens ou serviços, o órgão com competência para comprometer a entidade adjudicante – financeiramente, se houver lugar ao pagamento de um preço pela entidade adjudicante, ou para a celebração do contrato, caso não haja lugar a qualquer pagamento – decide abrir um procedimento para determinar com quem e em que condições será celebrado o correspondente contrato.

Trata-se de uma decisão complexa, à qual deve ser dada muita atenção e fundamentação cuidada, pois ela constitui o "alicerce" da contratação. 📌

Obituário Faleceu benemérito da UMP

Faleceu aos 91 anos o comendador José Serra, um dos maiores beneméritos da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), que contribuiu especialmente para a construção do Centro de Apoio a Deficientes Santo Estêvão, em Viseu, e atribuiu donativos, em dinheiro e espécie, para o Lar Dr. Virgílio Lopes, em Lisboa. José Serra foi ainda um dos fundadores da Santa Casa da Misericórdia da Trofa, terra onde nasceu e viveu toda a sua vida. A 9 de maio de 1997, o então Presidente da República, Jorge Sampaio, atribuiu a Comenda de Ordem de Mérito a José Serra.



Castro Marim Construção de nova unidade para demências

A Misericórdia de Castro Marim assinou o contrato da empreitada de construção da “ERPI Alzheimer e outras demências”, numa cerimónia simbólica, realizada no dia 25 de janeiro. Segundo nota informativa, trata-se de um “investimento crucial para a Santa Casa que implicará a convergência de vontades e o esforço de toda a comunidade castromarinense”. Com um orçamento de cerca de 4 milhões, a empreitada conta com financiamento do PO CRESC Algarve 2020 e autarquia e tem a duração prevista de 18 meses.



‘Contem comigo, vou entrar e só saio quando isto terminar’

Sem folgas ou descanso, Maria Deonilde Ramos e Mafalda Martins foram as principais cuidadoras dos idosos com Covid-19 em Alcanede

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Alcanede Duas colaboradoras da Misericórdia de Alcanede voluntariaram-se para acompanhar um grupo de 15 utentes da ala Covid-19, em permanência, na sequência do surto diagnosticado na estrutura residencial no início de dezembro de 2020. Sem interrupção para folgas ou descanso, Maria Deonilde Ramos e Mafalda Martins foram as principais cuidadoras dos idosos infetados, de 06 de dezembro a 06 de janeiro, assumindo o desafio com serenidade, coragem e dedicação à causa que abraçam desde 2016.

“Mesmo sabendo que podiam ser infetadas, estas colaboradoras correram esse risco e puseram os outros à frente de tudo o resto. São pessoas como nós, que podiam ter receio, mas estiveram lá um mês inteiro com os idosos e que disseram que só saíam de lá quando estivessem todos bem. O mundo seria um lugar mais bonito se houvesse mais pessoas assim”, reconheceu a

provedora Wanda Mendo, dias após o regresso de Maria e Mafalda a casa.

O surto detetado em dezembro reduziu drasticamente o número de profissionais ao serviço, obrigando a uma reestruturação interna, separação de utentes e desinfeção do local, em articulação com as autoridades locais de saúde e proteção civil. Numa primeira fase, foram diagnosticados 9 casos de infeção entre a equipa e 15 entre os idosos.

Maria Deonilde Ramos e Mafalda Martins não estavam entre os infetados na altura. Por isso, não hesitaram quando foi necessário assegurar a prestação de cuidados na ala Covid-19. “Quando surgiu aquela necessidade disse logo contem comigo, eu vou entrar e só saio quando isto terminar. Eu sabia que estava a fazer um bem precioso e por isso não me custou nada. Sei que é um Natal e ano novo que não vou esquecer, vai-me ficar sempre marcado na memória”, admitiu Mafalda Martins, 45 anos, auxiliar de serviços gerais na Santa Casa.

Maria Deonilde Ramos, 55 anos, juntou-se de imediato à colega nestes 30 dias de trabalho ininterrupto, marcados por cuidados redobrados, vigilância atenta de sintomas e partilha de memórias e afetos com os idosos. “Eu não pensei duas vezes porque gosto daquilo que

faço. Ainda ganhei mais amor aos idosos depois desta experiência. Nunca pensei virar as costas. Graças a deus consegui cumprir”.

Entre as duas repartiam tarefas de higiene, medição de sinais vitais e apoio na hora das refeições, além das conversas com os idosos e videochamadas com familiares. As mãos que cuidam multiplicaram-se uma semana depois, com a chegada de elementos da brigada de emergência e apoio dos enfermeiros da instituição, permitindo suavizar a carga de trabalho.

Em meia hora de conversa, não transparece fadiga ou sacrifício de espécie alguma, tão somente a serenidade de uma missão cumprida com sucesso. Durante todo este tempo, lamentam sobretudo o sofrimento dos idosos que testemunharam, pelo agravamento de sintomas, que conduziu ao internamento hospitalar de uma dezena e morte de cinco pessoas.

“Cortava-me o coração vê-los sofrer. Há tantos meses que não veem as famílias. Mas o mais difícil foi mesmo a preocupação de os ver aflitos e dar o nosso máximo para os aliviar. Demos tudo para os salvar, mas não houve hipótese de salvar cinco. Alguns já estavam muito debilitados antes disso”, recorda Maria Deonilde Ramos.

Em casa deixaram a família e os recantos que conhecem de olhos fechados. Um marido



Pandemia Depois de identificados os casos positivos, as duas colaboradoras voluntariaram-se para acompanhar um grupo de 15 utentes da ala Covid-19

(Maria Deonilde) e duas filhas (Mafalda) que apoiaram a decisão e enviaram manifestações de carinho sob a forma de objetos, mensagens e vídeos. “As minhas filhas foram-me deixando coisas de que fui precisando no muro do lar e no dia de Natal mandaram-me um vídeo a abrir a minha prenda, uma camisola e uma chaleira”, lembra Mafalda Martins.

Mesmo sem poder entrar, as colegas de apoio domiciliário e restantes respostas sociais foram deixando encomendas ao longo do mês, bombons na noite de Natal, bolo rei na passagem de ano e outras iguarias que tornaram impossível à dupla de colegas “fazer dieta”, brincam. Tudo para tornar estes dias memoráveis, amenizar a distância e saudades do exterior.

Na despedida, o passo ficou marcado pela saudade de quem acompanharam dia e noite, mesmo sabendo que seria um “até já” de duas semanas para descansar. Dias após o regresso a casa, Mafalda considera-se de “coração cheio e eternamente grata” por tudo o que fez e recebeu dos idosos. “Nunca me senti num cativo, o tempo passou a correr. Quando dava por mim, já estava noutra dia. Eu gosto daquilo que faço e não me vejo a trabalhar de outra forma, para mim os idosos devem ser louvados, receber atenção e carinho”. **VM**

Boliqueime Donativo para novas camas e gabinete médico

No âmbito da campanha “Votos Felizes”, que decorreu durante o mês de dezembro, o Grupo Os Mosqueteiros entregou 13.500 euros à Misericórdia de Boliqueime. Durante o período em que decorreu a campanha solidária, os portugueses foram convidados a partilhar votos felizes. Por cada voto, o Grupo Os Mosqueteiros doou 2€ à instituição votada. A Santa Casa de Boliqueime vai utilizar este apoio para a aquisição de camas articuladas e dotar o gabinete médico com equipamentos mais recentes e adequados.



Marco de **Canaveses** Ações sobre sustentabilidade alimentar

A Misericórdia de Marco de Canaveses, através do seu Serviço de Nutrição e Alimentação, promoveu ações de sensibilização sobre sustentabilidade alimentar em escolas do concelho. Segundo nota partilhada nas redes sociais, nestas ações foram abordados conceitos como a pegada ecológica, hídrica e de carbono, os tipos de processamento alimentar e o descodificador de rótulos. A mesma nota refere que estas ações visam o reforço de conceitos e práticas para o estilo de vida sustentável.

Combater a pobreza das crianças desde a primeira infância

O projeto da Misericórdia de Vila Nova de Gaia visa prevenir e reduzir a vulnerabilidade na primeira infância no concelho

TEXTO **PAULO SÉRGIO GONÇALVES**

Gaia “Não se pode combater a pobreza das crianças sem combater a pobreza das suas famílias”. É com este lema que a Santa Casa da Misericórdia de Gaia está a desenvolver o projeto “Primeiros Passos, Infância Saudável, Vida Feliz”. A equipa é composta por uma psicóloga e uma assistente social e visa prevenir e reduzir a vulnerabilidade na primeira infância no concelho.

“Os bebés não nascem pobres sozinhos. Nascem pobres, dentro de uma família que vive também numa situação de pobreza e exclusão social”, começa por dizer ao Voz das Misericórdias (VM), a responsável pelo projeto, Manuela Costa Neves.

Numa fase inicial, o apoio centrou-se entre os zero e os 12 meses, mas as necessidades levaram a instituição a alargar a abrangência etária até aos dois anos de idade. “Muitas famílias têm dificuldade em voltarem ao mercado de trabalho, porque não há creches e, durante este período, existe a necessidade de auxiliar estas pessoas nas oficinas de parentalidade positiva e inserção socioprofissional”, esclarece Manuela Neves.

Como há falta dessas respostas, é preciso acompanhar as famílias por um período temporal mais extenso, havendo a necessidade de trabalhar a questão da estimulação sensorial da criança a vários níveis, com brinquedos didáticos para desenvolver explorações de linguagem e da criatividade. “Estamos a falar de pessoas com poucas habilitações, falta de projetos de vida a longo prazo, sem planeamento familiar devido a muitos deles terem sido pais ainda menores”, conta a responsável da Misericórdia gaiense. “As mães são oriundas de vários pontos do concelho de Gaia, existem casos de meno-

res entre os 16 e os 17 anos, embora apareçam também mães de terceira viagem”.

Assegurar um Banco de Bens para o Bebê (BABE) através de doações e de um Fundo de Apoio ao Bebê (FABE) para a aquisição de leite adaptado e medicação constitui um dos objetivos do projeto, bem como intervenções sociais apropriadas que permitam aos pais assumir as suas responsabilidades para com os filhos. Periodicamente, são realizadas campanhas em grandes superfícies para a recolha de bens essenciais.

Outro objetivo do “Primeiros Passos” é prevenir a institucionalização destas crianças que, maioritariamente, são referenciadas pela segurança social, tribunal de menores, comissão de proteção de crianças e jovens em risco, hospital, juntas de freguesia e Aces de Gaia. “Esse encaminhamento visa, essencialmente, doar bens para a criança, mas está também muito direcionado para a capacitação dos pais, através do Centro Qualifica”, revela Manuela Neves, acrescentando que “este ano, pela primeira vez, existe uma lista de espera, o que corta a respiração porque as crianças não podem ficar para trás”.

O confinamento decorrente da Covid-19 determinou o lay off e o desemprego de muitas famílias e, com eles, o aumento das sinalizações pelos parceiros institucionais, o que exponenciou o número de crianças a apoiar e os bens a atribuir. Todavia, “nenhuma criança ficou para trás e, por isso, o apoio mensal em leite adaptado e outros bens fundamentais ao seu desenvolvimento foram sempre garantidos e até redobrados”, assegura Manuela Costa Neves, sustentando que “muitas destas pessoas laboravam no setor da hotelaria, um dos mais afetados pela pandemia, ficando novamente numa situação de fragilidade, retomando-se os pedidos dos rendimentos sociais de inserção, num volte-face dramático para quem já tinha a sua vida a ficar organizada”, lamenta a dinamizadora do projeto.

O atendimento presencial, condicionado a um plano de contingência, é assegurado com medidas de proteção individual acrescidas. A capacitação parental (oficinas de parentalidade positiva e inserção socioprofissional) passou do presencial para o online e “com ganhos fantásticos de participação e empowerment”, assume Manuela Costa Neves, reforçando que “esta ferramenta tem provocado uma maior participação dos pais, mais presentes e interessados”.

O trabalho desenvolvido no âmbito deste projeto tem merecido os mais rasgados elogios, tendo mesmo sido premiado, através de uma candidatura ao BPI La Caixa Infância 2020, “por fazerem a diferença junto de crianças em situação de vulnerabilidade” (júri do prémio). Esta distinção permitiu integrar na equipa um psicólogo a tempo inteiro. **VM**

Este projeto da Misericórdia de Gaia foi distinguido no âmbito do prémio tem BPI La Caixa Infância 2020

‘É importante votar e saber o que queremos’

Eleições Em Almada, o voto antecipado foi saudado por permitir que, mesmo confinados, os idosos possam participar na vida social e política do país

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Pela primeira vez, na história da democracia, os idosos em lares ou residências seniores aderiram ao voto antecipado, por se encontrarem em isolamento profilático ou confinados há meses. As brigadas de recolha de voto, constituídas pelas autarquias, saíram à rua nos dias 19 e 20 de janeiro, para recolher os boletins de quase 13 mil pessoas, entre eleitores infetados, em isolamento ou utentes de lares, segundo dados do Ministério da Administração Interna (MAI). O VM foi conhecer os eleitores do Lar Granja Luís Rodrigues, em Costas de Cão (Caparica), Almada, a poucos dias de se decidir o novo Presidente da República Portuguesa.

Apesar das falhas apontadas à organização e dificuldades de inscrição na plataforma do MAI, a oportunidade de votar dentro de portas foi valorizada pela Misericórdia de Almada. “Os nossos idosos estão numa situação muito debilitada e dependente, muitos não estão em condições de manifestar a sua vontade. Mas para aqueles que estão bem e lúcidos é uma ótima iniciativa porque se sentem participantes na vida social e política e com os seus direitos

em exercício. Já basta estarem confinados”, afirmou o provedor Joaquim Barbosa.

A mesa de voto foi improvisada numa ampla sala de reuniões, com a pompa adequada à solenidade do ato eleitoral e duas entradas independentes para aceder ao lar e exterior do edifício. Tudo pensado para garantir a segurança e contacto mínimo entre os intervenientes.

A equipa da autarquia chegou por volta das 15h30, com equipamento de proteção individual, boletins de voto e envelopes selados onde seguiram depois as escolhas individuais dos utentes. José Lança, fiscal municipal na Câmara Municipal de Almada, foi um dos elementos destacados para recolher os votos no domicílio e lares de idosos. “Queremos garantir que há o mínimo contacto com os utentes dos lares e, por isso, tudo o que possamos evitar é positivo. Entre cada visita mudamos equipamento completo, desinfetamos e voltamos a fardar”. Por essa razão, aguarda no pátio do edifício enquanto a equipa técnica recolhe os votos.

Os eleitores inscritos são 18, com idades entre os 55 e 94 anos. Aida Godinho, a segunda mais velha do grupo, com 91 anos, é a primeira



Marcelo visitou lar de idosos no Barreiro

No segundo dia de campanha para as eleições presidenciais de 2021, que aconteceram a 24 de janeiro, Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República e recandidato ao cargo, visitou o lar de idosos da Misericórdia do Barreiro onde reuniu com a equipa técnica e funcionários da estrutura residencial. Desta vez Marcelo Rebelo de Sousa não contactou com idosos, como acontecera há 5 anos. No final da visita, o Presidente da República pediu para que os portugueses levem o confinamento a sério.

a votar. Chega numa cadeira de rodas e afirma perentória: “Eu votei sempre”. Este ano lamenta apenas não poder votar na Trafaria, onde morou 58 anos, para reencontrar os amigos e vizinhos de longa data.

“Pode dobrar em quatro como nas urnas. O voto fica em dois envelopes selados e entregamos ao representante da câmara”, explica a diretora técnica do lar, para quem este método de recolha é muito “positivo, sobretudo para os que têm menos mobilidade”. “Sempre levámos os utentes às mesas de voto, desde que estando recenseados na zona e manifestando vontade. Mas, infelizmente, as escolas onde decorrem nem sempre têm a melhor acessibilidade, tornando-se moroso levar cada um deles à sua mesa”, conta Rita Santos.

Hoje, precisam apenas de percorrer um corredor, sem obstáculos. Por isso, a adesão é superior ao habitual. “Tínhamos 23 interessados, mas apenas foi possível inscrever 18 na plataforma”, devido a constrangimentos legais e locais de recenseamento fora do concelho. Os restantes, num universo de 110, já não têm condições físicas e mentais para exercer o seu



direito de voto: 53 apresentam quadro demencial e 43 um grau de dependência elevado (dados de setembro de 2020).

Entre os 18 eleitores inscritos no Lar Granja Luís Rodrigues, encontramos um reflexo da nossa sociedade: defensores convictos de uma cor política, cidadãos que votam em rostos e perfis concretos e outros que não se reveem em nenhum candidato. Mas todos arriscam uma cruz no boletim em branco. “Sempre votei, acho que é um direito que devemos ter adquirido e praticar. É importante votar e saber o que queremos. Temos de lutar pela democracia”, comenta Maria Antónia Pereira, depois de colocar a sua escolha secreta no envelope.

Confinado desde março, Paulo Tavares, com 55 anos, elogia a recolha do voto antecipado que garante “o direito e dever cívico de todos aqueles que não podem sair para votar”. Anseia, à semelhança de milhares de pessoas que se encontram na mesma situação, o regresso ao exterior e a retoma da liberdade, que lhe permitirá ir à mesa de voto ou outro local em segurança. “Estamos todos ansiosos para que termine este confinamento”.

Almada Entre os 18 eleitores do lar, há defensores de uma cor política, os que votam em perfis concretos e outros que não se reveem em nenhum candidato

Muitos idosos ficaram privados de votar

Eleições Apesar dos esforços, apenas cerca de 4000 idosos em lar conseguiram efetuar atempadamente o registo para a modalidade de voto antecipado, este ano alargado aos utentes de estruturas residenciais que, por razões de segurança impostas pela pandemia, não podem sair.

O previsto inicialmente pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) era que os idosos aptos e interessados em votar pudessem sair dos lares no dia 24 de janeiro, sem que para isso fossem obrigados a fazer quarentena. Para o presidente da União das Misericórdias, “nenhum provedor de bom senso faria uma

coisa dessas” porque as deslocações às mesas de voto representariam “um risco absoluto” para a totalidade dos utentes.

Poucos dias depois, a 10 de janeiro, o ministro da Administração Interna, Eduardo Cabrita, anunciou que os idosos confinados em lares por causa da Covid-19 iam poder votar antecipadamente. A medida foi aplaudida pelo presidente da UMP. Em primeiro lugar, pela segurança de todos, mas sobretudo porque fica assegurada a cidadania dos mais velhos. “Para muitos dos idosos, agentes de Abril, esta medida demonstra que a democracia venceu a pandemia”.

Os idosos interessados nesta modalidade de voto teriam de fazer a inscrição entre os dias 14 e 17 de janeiro para que as equipas organizadas pelas autarquias pudessem, entre os dias 19 e 20, recolher os votos, com o apoio da Administração Eleitoral e das forças de segurança. Às estruturas residenciais foi solicitado que preparassem uma sala para o exercício, em segurança, do direito de voto, mas nem todas conseguiram sequer efetuar o registo para voto antecipado.

Segundo Manuel de Lemos, em causa estavam os registos desconcertados entre Segurança Social e Ministério da Administração Interna e lamenta: “Eles tinham direito a votar, muitos deles foram atores de Abril e têm um sentido cívico elevadíssimo.”

Revelando que os responsáveis políticos e representantes da administração envolvidos nesta matéria estavam cientes da possibilidade de erros, “dado ser a primeira vez que esta metodologia foi utilizada” e o “pouquíssimo tempo disponível para carregar as plataformas”, Manuel de Lemos concluiu apelando à aprendizagem através do erro para que, em futuras eleições, a participação dos idosos possa ser devidamente assegurada.

Apesar dos constrangimentos, Manuel de Lemos deixou uma palavra de apreço a provedores e mesas administrativas pela disponibilidade para permitir este novo tipo de votação.

Recorde-se que esta foi a 10ª vez que os portugueses foram chamados a escolher o Presidente da República em democracia, tendo Marcelo Rebelo de Sousa sido reeleito na primeira volta com cerca de 2,5 milhões de votos (aproximadamente 60% dos votos). Desde 1976, foram Presidentes António Ramalho Eanes (1976-1986), Mário Soares (1986-1996), Jorge Sampaio (1996-2006) e Cavaco Silva (2006-2016).

DESTAQUE

60,5

Mais de 60,5% dos eleitores registados não foram votar no dia 24 de janeiro, o que equivale a quase 6,6 milhões de pessoas. O número total de votantes foi de 4.261.209, menos quase 480 mil do que há cinco anos, nas últimas eleições presidenciais. Neste grupo, incluem-se mais de 135 mil infetados ou em isolamento profilático, a quem as autoridades de saúde decretaram confinamento depois de 14 de janeiro, data limite para inscrição na modalidade de voto antecipado.



13

Perto de treze mil pessoas (12.906), entre idosos em lares, infetados e pessoas em isolamento profilático, exerceram o seu direito de voto antecipadamente, a 19 e 20 de janeiro, mediante a recolha por equipas das autarquias. A inscrição foi realizada na plataforma do Ministério da Administração Interna e motivou reclamações relacionadas com prazos e dificuldades informáticas. Ficaram fora deste grupo os utentes dos lares ilegais e os cidadãos confinados a partir de 14 de janeiro.

‘É a minha obrigação como cidadão’

Votação Apesar das dificuldades, alguns idosos exerceram o seu direito de voto para as eleições presidenciais sem saírem do lar

TEXTO **MARIA ANABELA SILVA**

Em poucos minutos, a varanda da sala de convívio do lar da Misericórdia da Marinha Grande, nas Vergieiras, é transformada numa secção de voto improvisada. A um canto, monta-se um biombo, para garantir a privacidade, e uma mesa. Numa secretária ao lado, há desinfetante e canetas, que acabam por não ser usadas porque cada um dos eleitores vem já devidamente munido com a sua própria esferográfica e o cartão do cidadão, como mandam as regras.

Joaquim Pereira é o primeiro a exercer aí o seu direito de voto, mas antes a equipa de recolha, constituída por três funcionários da Câmara Municipal, dirige-se à janela do quarto de Fátima de Jesus, que, por ter saído da instituição para ir a uma consulta, está em isolamento. Do lado de fora, Patrícia Ribeiro, animadora social do lar,

dá as instruções: “Dobre em quatro e coloque dentro do envelope”.

O subscrito é depois inserido num outro envelope, selado pela equipa do município, que entrega um comprovativo à eleitora. “A prova de que votou e de que recebemos o seu voto”, explica um dos funcionários municipais, por trás de toda a panóplia de equipamentos de proteção individual: bata, fato completo, máscara, viseira, óculos e proteção para o calçado. Mas, mesmo disfarçado, um dos utentes reconheceu, entre a equipa, um antigo colega de escola, quando este se identificou. “Há tantos anos que não o via”, confidencia o funcionário, acenando ao utente através da janela.

O processo de votação repete-se sete vezes, tantas quantos os utentes da instituição que participaram nesta eleição para Presidente da República, a primeira em que foi montado um sistema de recolha de voto porta a porta, abrangendo estruturas residenciais para idosos, mas também pessoas em confinamento.

“Já está”, diz José Gameiro, acabado de sair detrás do biombo, onde demorou menos de um minuto a colocar a cruz. “Não foi preciso pensar. Foi só o tempo de conferir onde tinha de assinalar”, atira o utente, de 83 anos, que se orgulha de “nunca” ter falhado uma eleição, contando que, mesmo no Brasil, onde viveu durante 43 anos, votou sempre. “É a minha obrigação como cidadão”, justifica, admitindo que chegou a pensar que, desta vez, “com toda esta coisa da pandemia”, não iria exercer esse direito. Por isso, ficou feliz com a oportunidade.

Também Leonor Figueiredo, de 83, já tinha colocado de lado a ideia de votar, não só devido à pandemia, mas, sobretudo pelas suas dificuldades de locomoção. “Com o andarilho, não me atrevia a ir. Assim, sempre contam mais um voto.”

E podiam até ter sido mais votos a contabilizar “se o processo fosse mais fácil”, diz Patrícia Ribeiro, revelando que o lar da Misericórdia da Marinha Grande não conseguiu inscrever quatro utentes, que residem na parte privada. “Liguei várias vezes para a linha de apoio, mas como os residentes não

estão no sistema da Segurança Social, por não terem participação, não me conseguiram ajudar”, refere a técnica.

Menos sorte teve a Misericórdia de Leiria, onde não foi possível inscrever nenhum dos cerca de 30 utentes que tinham manifestado vontade de votar. Diogo Batalha, administrador da instituição, conta que na segunda semana de janeiro receberam um link da Segurança Social para fazer a inscrição.

“Passados três dias, a Câmara informou que tínhamos de preencher um outro formulário referente à mesa de voto. Esta segunda-feira, fomos informados de que tinha dado erro. Contactámos as duas entidades, mas ninguém nos conseguiu ajudar. Resultado: nenhum utente pôde exercer o direito de voto”, lamenta Diogo Batalha, frisando que no Lar Nossa Senhora da Encarnação já estava “tudo preparado” para que a votação acontecesse, com locais e circuitos “bem definidos”.

O caso da Misericórdia de Leiria está longe de ser isolado, havendo queixas de outras instituições que sentiram dificuldades idênticas. Sandrina Garrucho, chefe da Divisão Administrativa da Câmara de Leiria, adianta que neste concelho, onde só da rede solidária existem cerca de 30 lares, participaram no voto antecipado apenas 35 utentes de sete instituições. “Houve relatos de dificuldades no processo de inscrição”, refere a técnica, que coordenou as sete equipas do Município de Leiria que andaram no terreno a fazer a recolha do voto antecipado devido a confinamento.

Apesar de nem tudo ter corrido bem, Patrícia Ribeiro reconhece mais-valias ao processo, por permitir o exercício de voto “a algumas pessoas que, em circunstâncias normais, não o iriam fazer devido a limitações físicas”. É esse o caso de Fernanda Alexandre, também utente da Misericórdia da Marinha Grande, que se move com o apoio de um andarilho. “Preferia que eles não tivessem vindo cá pelas razões que vieram e que não tivéssemos esta pandemia. Mas assim cumpri o meu dever. Se bem, logo se verá.”



Há mais de **235 anos**
a criar jogos com fins sociais.

Séculos de boas causas.

Em 1783, a Rainha D. Maria I concedeu a exploração da primeira lotaria nacional à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Hoje, o Estado Português continua a confiar a exploração dos jogos sociais à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e a sua oferta continua a ser sinónimo de responsabilidade, segurança e entretenimento. Devolvendo as suas receitas integralmente à sociedade, os Jogos Santa Casa continuam a ser um dos pilares das políticas sociais do país.

www.scml.pt

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

 **JOGOS**
SANTACASA



politérmica

ENGENHARIA

serviços de

Obras, Manutenção, Assistência Técnica e QAI

AVAC • Eletricidade • Hidráulicas • Redes Incêndio • Refrigeração • Sistemas Solares



Hospitais



UCC's



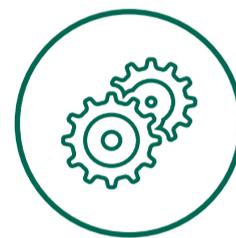
Residências



Escolas



Serviços



Indústria

T +351 229 698 110 e-mail geral@politermica.pt web www.politermica.pt
Rua do Xisto, 670 • 4470-389 Maia • Portugal



LIPRONERG

ENGINEERING CONSULTANTS

Prevenir **Legionella** e **Covid-19**
com Plano de Prevenção e
Descontaminação



Revisão

(revisão integral das condições de funcionamento)



Limpeza e desinfestação

(limpeza e desinfestação das instalações relativas à ACH e AQS)



Ajuste

(ajuste dos valores de cloro residual livre)

tel: 249717175

e-mail: geral@lipronerg.pt

www.lipronerg.pt

HISTÓRIAS COM ROSTO

‘Tive de aprender a perder o medo’



Rostos Rosário Freixa, 48 anos, foi a primeira utente da unidade de cuidados continuados da Misericórdia de Mora a ser vacinada no dia 06 de janeiro. A estreia, com honras mediáticas, gerou apreensão, por ter de falar diante das câmaras, e entusiasmo pela oportunidade de ficar imune ao vírus que tantas limitações lhe impôs no último ano. “Fiquei contente por ter sido escolhida e não tive medo, já experimentei tantos tratamentos diferentes que tive de aprender a perder o medo”, confessou dias mais tarde em conversa com o VM. Diagnosticada com esclerose múltipla aos 16 anos, Rosário aprendeu cedo a enfrentar os medos e a não vacilar perante as adversidades. A infância em Montemor-o-Novo foi vivida em “liberdade a brincar na rua” com os irmãos, entre corridas, acrobacias e aventuras próprias da idade. “Gostava de correr na rua,

jogar ao galo, fazer a ponte, preferia brincadeiras de rapaz”. Os estudos foram repartidos entre a terra natal e a capital de distrito, Évora, onde frequentou um curso de secretariado que não lhe garantiu emprego imediato. “Era difícil arranjar trabalho na altura, cheguei a trabalhar num café”. Na pausa entre estudos, a jovem conheceu o rapaz que viria a ser marido e pai do seu filho. “Conheci o meu marido na escola, em Montemor, e começámos a namorar com 15 anos. O meu pai não aceitou muito bem, era muito protetor”. O diagnóstico de esclerose múltipla chegou no auge da adolescência e trouxe um oceano de incertezas. Perante os sintomas da doença desconhecida, numa idade onde a vitalidade e saúde estão garantidas, a primeira coisa que lhe ocorreu foi: “tive um AVC”. A ressonância magnética revelou tratar-se de uma doença neurológica sem

PERFIL

Rosário Freixa tem 48 anos e está nos cuidados continuados da Misericórdia de Mora a recuperar de um surto de esclerose múltipla

cura. O diagnóstico que ninguém quer ouvir. “A minha mãe chorava e eu ria, em choque, nunca tinha ouvido falar nisto”. Após o surto que lhe retirou temporariamente a mobilidade do braço e perna esquerda, seguiu-se um período de remissão com recuperação das capacidades perdidas e início do tratamento com cortisona, que a viria a acompanhar muitos anos. O regresso a casa tornou definitiva a nova realidade e ditou um novo rumo à sua vida. “Tive de aprender a viver com a doença, infelizmente não há cura. Fiquei muito revoltada por me ter calhado a mim, era tão nova”. Decidiu então que “baixar os braços não era solução”. Depois deste choque, os médicos disseram-lhe que aquela era a última oportunidade de ter filhos, antes de progredir a doença. Não tinha pensado ser mãe tão nova, mas decidiu avançar. “Acabou por ser

uma bênção na altura porque na gravidez não temos sintomas da doença”, recorda. Nasceu então o único filho, que agora vê somente pelo telefone, devido à pandemia. As rotinas na unidade de cuidados continuados, onde está há pouco mais de um ano, limitam-se agora a exercícios de fisioterapia, jogos de palavras no computador e ver televisão no quarto. Não pode sair para beber café, passear no exterior ou receber visitas da família. Já passou por vários internamentos em hospitais ou unidades de cuidados continuados, na sequência de surtos, mas reconhece que este “último foi o pior, deitou-me muito abaixo”. Agora, além da dormência nas mãos e rigidez muscular, que ameniza com fisioterapia, tem dificuldade em andar sem apoio de um andador ou cadeira de rodas. Mas não desiste da recuperação da marcha. Em todo este processo de aprendizagem e aceitação de uma doença sem retorno, confessa que o que mais lhe custa “é estar limitada e dependente dos outros”. “Eu ia a todo o lado ter com amigos e agora tenho de pedir a alguém para levar, é uma sensação horrível. As ruas ainda não estão adaptadas a cadeiras de rodas e para distâncias maiores preciso da cadeira”. Entre as limitações do corpo e, mais recentemente, as restrições de contacto e circulação impostas pela pandemia, Rosário Freixa opta por “focar-se na solução e não no problema”. Lutar sem se entregar à doença, mesmo nos dias em que a esperança é um fio ténue. A vacina agora faz parte desse novo futuro.

TEXTO ANA CARGALEIRO
DE FREITAS

Diagnóstico e tratamento com 16 anos

Rosário Freixa foi diagnosticada com esclerose múltipla aos 16 anos, depois de um surto que lhe paralisou temporariamente o braço e perna esquerdo. Seguiu-se um período de remissão da doença, com recuperação das capacidades perdidas e início do tratamento com cortisona, que a viria a acompanhar muitos anos. Nas últimas décadas, passou por vários internamentos em hospitais ou unidades de cuidados continuados para fazer reabilitação sem nunca “desistir de lutar contra a doença”.

Limitações do corpo e do vírus

A alentejana, natural de Montemor-o-Novo, chegou à unidade da Misericórdia de Mora há pouco mais de um ano, na sequência de um surto que lhe limitou a marcha. As suas rotinas incluem fisioterapia, terapia ocupacional, atividades de animação e lazer, mas nos últimos meses tudo mudou com as medidas de segurança para conter a transmissão do vírus SARS-CoV-2. Agora não pode sair para beber café ou receber visitas da família. Encara por isso o arranque da vacinação com expectativa.

Distinção para jornalista do VM



Imagem O trabalho distinguido contou com fotografias, feitas em Mora, por José Artur Macedo

Ana Cargaleiro de Freitas foi distinguida com uma menção honrosa no Prémio Cooperação e Solidariedade António Sérgio 2020

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Prémio A jornalista Ana Cargaleiro de Freitas foi distinguida com uma menção honrosa no Prémio Cooperação e Solidariedade António Sérgio 2020 pelo trabalho jornalístico “Habitação condigna é o princípio para tudo”, publicado em abril no jornal “Voz das Misericórdias”. A cerimónia de entrega do prémio decorrerá no primeiro trimestre de 2021, em data a anunciar.

O artigo “Habitação condigna é o princípio para tudo” analisa o impacto e papel das Misericórdias na oferta de habitação às famílias em Portugal, enquanto meio de concretização plena de direitos humanos, e conta com a colaboração do fotógrafo José Artur Macedo, colaborador da Santa Casa de Mora. O acesso à habitação em Portugal é tema recorrente de discussão e reflexão em Portugal e, por isso, o VM decidiu juntar-se ao debate dando a conhecer a oferta disponibilizada pelas Misericórdias de Seixal,

Porto, Pernes, Medelim, Ovar e Mora.

No atual contexto pandémico, a jornalista Ana Cargaleiro de Freitas, que integra a redação do VM desde 2014, considera que esta distinção é “motivo de esperança e orgulho para toda a equipa, que em 2020 se uniu e superou as principais adversidades com brio, dedicação e enorme admiração pelo trabalho das Misericórdias”.

No último ano, o VM foi agraciado com dois prémios, da mesma autora, onde se inclui a distinção atribuída pela Academia Olímpica de Portugal, pelo trabalho “Uma porta de Portugal para o mundo”, que conta a história de duas pessoas com deficiência que integraram a comitiva portuguesa para os jogos paralímpicos mundiais.

O Prémio Cooperação e Solidariedade António Sérgio, criado pela CASES em 2012, destina-se a homenagear as pessoas singulares e coletivas que, em cada ano, mais se tenham distinguido em domínio relevantes para a economia social, contando com cinco categorias (Inovação e Sustentabilidade, Estudos e Inovação, Estudos e Investigação na Lusofonia, Trabalhos Jornalísticos e Trabalhos de Âmbito escolar) e um Prémio de Honra. 🗳️

Estatuto editorial

1 O jornal Voz das Misericórdias é um instrumento de comunicação da União das Misericórdias Portuguesas e das suas associadas, as Misericórdias de Portugal e do mundo, em prol da civilização do amor e da interação entre os que podem dar e os que precisam de receber.

2 Neste contexto, o Voz das Misericórdias assume-se como um meio de comunicação social de informação atento, de um modo especial, à divulgação do movimento das Misericórdias Portuguesas e à articulação das Misericórdias entre si e com a sua União no pressuposto da importância nacional do sector social e do seu reconhecimento constitucional.

3 Para esse efeito o Voz das Misericórdias propõe-se dar a conhecer os projetos de ação da União e das Santas Casas portuguesas, no estrito respeito não só pelos seus mais legítimos direitos históricos e os seus humanitários ideais consagrados há mais de 500 anos, mas também pela ambição de cumprir as obras de misericórdia em modernidade e qualidade com o objetivo da promoção do desenvolvimento económico e social das comunidades que as criaram, assim lhes conferindo a sua específica natureza.

4 Encruzilhada de pessoas e instituições empenhadas no estudo, na reflexão, na análise, no debate

e na ação sobre os desafios sociais e as suas possíveis respostas, o seu objetivo é também ser uma voz moderna e qualificada junto dos diversos atores e poderes para promover o desenvolvimento sustentado da cidadania e da qualidade de vida do tecido social, em especial do mais carenciado.

5 Considerando a atividade constante das Santas Casas da Misericórdia nos países onde se faz sentir a presença de comunidades de portugueses na diáspora, e em toda a comunidade de países de língua portuguesa, o Voz das Misericórdias será o meio de comunicação preferencial entre os que falam a mesma língua e defendem os mesmos valores.

6 O Voz das Misericórdias divulgará todas as iniciativas promovidas pelas instâncias internacionais referentes à União e às Santas Casas, nomeadamente a Confederação Internacional das Misericórdias e a União Europeia das Misericórdias.

7 O Voz das Misericórdias compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e a ética profissional dos jornalistas, assim como o respeito a boa-fé dos leitores e, como é sua tradição, está aberto a todos que nele queiram colaborar, desde que respeitem o presente estatuto editorial, em ordem a salvaguardar o interesse público e a ordem democrática.

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Órgão noticioso das Misericórdias em Portugal e no mundo

TELS.: 218 110 540 / 218 103 016
FAX: 218 110 545
E-MAIL: jornal@ump.pt

EDITOR:
Bethania Pagin

DESIGN E COMPOSIÇÃO:
Mário Henriques

PUBLICIDADE:
Sandra Sobreiro

PROPRIEDADE:
União das Misericórdias Portuguesas
CONTRIBUINTE: 501 295 097
REDAÇÃO/EDITOR E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Entrecampos, 9, 1000-151
Lisboa

FUNDADOR:
Manuel Ferreira da Silva

DIRETOR:
Paulo Moreira

COLABORADORES:
Ana Cargaleiro de Freitas
Isabel Marques Nogueira
Maria Anabela Silva
Patrícia Leitão
Patrícia Posse
Paula Brito
Paulo Sérgio Gonçalves
Sara Pires Alves
Vera Campos

ASSINANTES:
jornal@ump.pt
TIRAGEM DO N.º ANTERIOR:
8.000 ex.
REGISTO: 110636
DEPÓSITO LEGAL N.º: 55200/92

ASSINATURA ANUAL:
Benemérita - €20

IMPRESSÃO:
Diário do Minho
Rua de S. Brás, 1 - Gualtar
4710-073 Braga
TEL.: 253 303 170

VER ESTATUTO EDITORIAL:
www.ump.pt/Home/comunicacao/estatuto-editorial/